

PERNAMBUCO

Fica boazinha, dor

JANIO SANTOS

CARTA DOS EDITORES

Os tons de rosa e lilás que ilustram a capa do **Pernambuco** este mês não foram aleatoriamente ali dispostos sobre o close no rosto de Ana Cristina Cesar, homenageada este ano no mais importante evento de literatura do Brasil, a Flip. As cores em questão são socialmente construídas para apontar uma ideia do “feminino”, porque eis aí uma das curvas na estrada que a jornalista Gianni Paula de Melo decide tomar para escrever sobre a poeta que tanto influenciou, não coincidentemente, uma geração inteira de novas escritoras brasileiras. Negando toda e qualquer ideia do “feminino” enquanto espaço de dicção encerrada em clichês construídos pelos homens, e simultaneamente entendendo a importância de não silenciar o gênero em sua escrita, Ana C. pode ter sido, como bem pontua o escritor (e professor da poeta) Silviano Santiago, a “precursora do que hoje entendemos por *queer*”. A partir de depoimentos, como o do próprio Silviano e de outras pessoas que conviveram ou foram diretamente influenciadas

por aquela jovem escritora da Zona Sul do Rio de Janeiro, Gianni procura novas aproximações para a literatura de Ana C., em texto fundamental para entender aquela indomada poesia. Destaque também para um especial que coloca em confronto direto a ideia desse *patriotismo camisa da CBF*, visto em manifestações recentes no Brasil, com o patriotismo de um personagem seminal para a literatura brasileira: Policarpo Quaresma. No texto de Igor Gomes, a História é reescrita, a força da pena de um romancista negro de 100 anos atrás é colocada frente ao Brasil contemporâneo. E ainda: entrevista com o escritor português José Luís Peixoto, que acaba de lançar seu novo romance, *Galveias*, uma revisão afetiva de Thiago Soares para *Onde andarás Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, além do começo de uma série escrita por Laura Erber sobre por que é preciso pensar a problemática relação institucional do Brasil com a memória no momento em que, por exemplo, se inaugura no Rio de Janeiro uma construção monumental chamada Museu do Amanhã. **Uma boa leitura a todas e todos.**

COLABORAM NESTA EDIÇÃO



Laura Erber, escritora, artista visual e autora de livros como *Ghérasim Luca* (EDUERJ, 2012) e de *Bénédicte não se move* (e-galaxia, 2014)



Gianni Paula de Melo, jornalista e mestranda em Teoria Literária na Unicamp



Igor Gomes, jornalista

Caco Ishak, jornalista, tradutor literário e autor de *Eu, cowboy*. **Rodrigo Casarin**, jornalista, atua como *freelancer* escrevendo sobre literatura. **Maurício de Almeida**, escritor, ganhador do Prêmio Sesc de Literatura, lança agora o romance *A instrução da noite*, da Rocco Editora. **Thiago Soares**, professor do departamento de Comunicação Social da UFPE com mestrado em Literatura sobre a obra de Caio Fernando Abreu. **Yasmin Taketani**, jornalista.

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador
Raul Henry

Secretário da Casa Civil
Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

PERNAMBUCO



Uma publicação da Cepe Editora
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
Pernambuco – CEP: 50100-140

Redação: (81) 3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUPERINTENDENTE DE PRODUÇÃO EDITORIAL
Luiz Arrais

EDITOR
Schneider Carpeggiani

EDITORA ASSISTENTE
Carol Almeida

DIAGRAMAÇÃO E ARTE
Janio Santos, Maria Luísa Falcão e Karina Freitas

TRATAMENTO DE IMAGEM
Agelson Soares

REVISÃO
Dudley Barbosa

COLUNISTAS
José Castello, Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero

PRODUÇÃO GRÁFICA
Júlio Gonçalves, Eliseu Souza, Joselma Firmino e Sóstenes Fernandes

MARKETING E VENDAS
Daniela Brayner, Rafael Chagas e Rosana Galvão

E-mail: marketing@cepe.com.br
Telefone: (81) 3183.2756

SUA REVISTA DE CULTURA AGORA, TAMBÉM, NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista Continente e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

revistacontinente.com.br | [f/revistacontinente](https://www.facebook.com/revistacontinente) | [@revcontinente](https://twitter.com/revcontinente) | [@revistacontinente](https://www.instagram.com/revistacontinente)

BASTIDORES

Até onde uma obra pode levar o seu escritor

De um *réveillon* guiado pela leitura de *Infinite jest* até o isolamento de uma crise, os caminhos para a construção final de um romance

JANIO SANTOS



Caco Ishak

Nunca li David Foster Wallace. Lembro de quando Hermano apareceu com *Infinite jest* debaixo do braço, aquela capa horrorosa à guisa de *souvenir*, outro, duas malas, mais um *réveillon* em Nova York com os pais. Avancei com *On the road* atochado no sovaço da esquerda. Nove anos se passaram e eu sempre de carona num sofá com os *beats*. Hermano, enamorado por DFW (mais Eggers, Franzen, Easton Ellis). Não falava de outra coisa. Embora os tópicos me soassem familiares, foi inevitável: criei birra. Nove anos se passaram antes que eu caísse em tentação e, folheando a *Piauí* num frio de cerâmica, acabei lendo o trecho de *This is water*, publicado na edição do mês seguinte ao suicídio. Quarenta e seis anos. Eu, 27.

Que tempos, aqueles. Líquidos de verdade. Tempos que foram se cristalizando sobre minha cabeça, uma iCloud negra que me seguia aonde quer que eu fosse, granizando considerações, chanfrando opiniões cada vez mais absurdas na razão, um processo de fato inconsciente. Eu era um cara criado no século 20, afinal. Não precisava do DFW me dizendo como era duro viver numa sociedade hipermoderna em que a dúvida da ironia paira até sobre um *how do you do?* corriqueiro. Percebe-se, portanto, que, mesmo desdenhando a obra do moço, não resistia aos “periféricos”. A birra, no fundo, era empatia. E não queria me deixar influenciar pela birra alheia. Nova desculpa pra banir de vez DFW da estante e fenomenologicamente permitir que minha história se escrevesse nas nuvens. Uma vez pronta, faltava só botar no papel.

Na primeira oportunidade, peguei duzentos quilômetros de estrada até Salinas, no litoral paraense, cidade fantasma quando fora de época, onde tinha de andar mil e quinhentos metros pra comprar cigarro, e passei duas semanas escrevendo os treze primeiros capítulos. Contato quase nulo com os nativos, fora os alunos da banda marcial evangélica ensaiando britanicamente às 17h todas as tardes na casa em frente, ocasiões em que aproveitava pra dormir (em turnos de 3h intercalados por 9h de escrita). Éramos os cigarros, cerveja, um panelão de arroz com feijão e carne enlatada numa só gororoba requentada dia após dia, a sacada, os carapanãs, o mar e eu. Finda a “folga”, retornei ao “trabalho”. Quatro meses depois, o patrão faliu e, sem emprego, percorri três mil quilômetros até o Rio, onde me tranquei num quartinho de empregada em Copacabana por mais duas semanas e escrevi os quatorze capítulos restantes. Isso, em 2009. No ano seguinte, tentei a primeira revisão. Nascia o “capítulo paulista”, como batizei o décimo primeiro após reescrever metade. E aí: bloqueio. Não conseguia passar da vigésima página a cada nova tentativa de revisar o texto. O cowboy do Guilherme Pilla, a essa altura, já estava desenhado. Um livro com rosto, desmiolado.

Foi quando li as “Cinco notas sobre a franqueza” do Daniel Pellizzari. “A sinceridade é um caminho de duas vias”, assim começava. Foi quando passei a me dar conta de e aceitar quem era Carlo Kaddish, ou melhor: o que de fato eu compartilhava com Kaddish, por pior que fosse. Um mal-estar doméstico bem bernhardiano. A consciência em formação ao longo de quatro anos me distanciando, afundado num sofá de frente pra TV. Criou limo. Do limo, deslizei. Sem mais nem porquê, dormi, acordei, dei bom dia ao espelho e botei o pé na estrada. Outros sete mil quilômetros ao volante de Belém a Buenos Aires. Sem estepe, nem extintor, quanto menos carta verde. Num Chery QQ 1.1 (18km/l, média de 123km/h, máxima de 154km/h) que só foi derrapar a 600km do destino final. Apelei pro Fernet. Em dez dias, saiu a revisão no terraço de um P.H. em San Telmo. Primeiro capítulo 70% reescrito.

Irônico pensar que precisei percorrer quase vinte mil quilômetros no total pra conseguir terminar um livro cujo protagonista não sai do lugar, sempre preso a uma tela, a uma teia. Talvez porque, enquanto autor, eu tenha precisado escapar desse personagem pra criar um universo paralelo, quicá expandido, onde eu pudesse ir de encontro a mim mesmo, deixando o personagem livre pra escolher entre seguir meu rastro ou trilhar seu próprio caminho.

Mas nada disso importa. Importa é que, quando enfim publiquei o *Eu, cowboy*, seis anos após escrevê-lo, me senti autorizado a deixar os *beats* de lado e ler DFW. Como bom tautista, porém, resolvi ver o filme antes, um aperitivo. E bum:

“*There’s nothing more grotesque than somebody going around saying ‘I’m a writer. I’m a writer. I’m a writer’ (...) To have written a book about how seductive image is, how easy it is to get seduced off of any meaningful path because of the way our culture is now. What if I become a parody of that very thing?*”

Estalou. Eu, juiz no banco dos réus. A consciência da paródia não poderia ter surgido senão como consequência do processo (“Não consegui passar da terceira página”, disse a leitora número um após a penúltima revisão). O que teria sido posto em xeque caso tivesse lido *Although of course you end up becoming yourself* por considerar o livro de David Lipsky como mais um “periférico”. Não é. Nem foi cinema. Sentado no mesmo sofá, acabei lendo David Foster Wallace pela primeira vez na TV. Nunca é o mesmo sofá.

O LIVRO



Eu, cowboy
Editora Oito e Meio
Páginas 166
Preço R\$ 35

RESENHA

Para que o infinito não retroceda

O estranho lugar que a literatura de Henrique Rodrigues ocupa hoje

Rodrigo Casarin

Roberto levava uma vida relativamente tranquila. Na escola particular onde estudava, tirava notas medianas e, se estava longe de ser popular, ao menos ninguém o atormentava. Em casa, uma série de hipocrisias deixava o ambiente artificialmente agradável – o que todos ali consideravam o suficiente para que conseguissem fingir ser uma família feliz. As coisas só começaram a mudar quando o pai de Roberto morreu em um acidente de carro. Após uma breve turbulência por conta de burocracias, as finanças familiares se estabilizaram. No entanto, a perda jamais seria superada por Roberto. Dali em diante, tudo em sua vida teria a forte marca daquela ausência.

Roberto não “existe”. O arremedo mal delineado de personagem nasceu e morreu justamente no parágrafo acima apenas para servir como exemplo da trajetória comum a muitos outros na literatura brasileira contemporânea. Em maior ou menor escala, boa parte dos protagonistas criados pelos escritores nacionais atualmente – não todos, mas aqueles ficcionistas que costumam compor o grosso das programações de encontros literários, bienais e afins – levam uma vida parecida e reagem de maneira semelhante à tragédia familiar. Espelham os homens brancos de classe média que dominam nossas letras.

Excelente quando alguém rompe com esse tipo como Henrique Rodrigues faz em *O próximo da fila*. O livro apresenta a história de um jovem de classe média que leva uma vida confortável, mora em uma boa casa e estuda em uma escola particular. No entanto, após a morte de seu pai as coisas mudam. Passa a estudar em um colégio público e a mãe precisa arrumar um lugar muito mais modesto para viver. Por mais que o protagonista sinta a perda, a vida não permite que se retraia em seus sentimentos. O dinheiro anda escasso e o jovem precisa se virar, arrumar um emprego e ajudar todos ali a sobreviver. Onde encontra? No McDonald’s.

Apesar do nome da multinacional não ser mencionado no livro, fica evidente que boa parte da história se passa no ambiente familiar a Henrique, o escritor, cujo primeiro emprego foi exatamente em uma loja da rede, onde esteve à frente da chapa – ou do balcão – dos 15 aos 18 anos.

“Eu não tinha nada daquele acesso à leitura que depois vai transformar a pessoa em escritor, aquela história de pai e mãe que adoravam ler. Meus parentes não leem meus livros, não compram, e, quando compram, acham que estão fazendo um favor. A literatura brasileira é escrita tradicionalmente por uma classe média, um pessoal que teve uma boa base de leitura, e isso também se reflete nas histórias que são escritas. Muito recentemente que surgiu o marginal, a voz dos excluídos, mas desconfio um pouco desse modelo também. Eles têm algum espaço, mas estão aí por cota, como se tivessem que fazer um estereótipo para agradar as elites, mas apenas dentro do que as elites apontam como deve ser. Eu sou um intruso dos dois lados. Não sou marginal, mas escrevo sobre um jovem pobre; também não represento a classe média, mas estou em uma das maiores editoras do país (a Record)”, diz Henrique em um longo papo que tivemos por Skype.

“A figura do autor determina o que ele vai tratar como realidade. Uma vez, na faculdade, o professor falou que eu não deveria escrever poemas complexos e sonetos, mas apenas fazer hip hop só porque era pobre. Esse senso comum não é legal. Personagens com essas características, que passam por esse tipo de rotulação, acabam tendo essa possibilidade de representatividade e acho estranho pessoas tão plausíveis assim praticamente não existirem na nossa literatura”, continuou, defendendo a necessidade de ampliarmos a diversidade de pessoas retratadas.

Henrique me chamou atenção para seu livro antes mesmo de ele ser lançado. Entre uma cerveja e outra na Flip deste ano, o escritor explicou que o romance que estava para chegar às livrarias era inspirado em uma ação que muito repetiu enquanto trabalhava na lanchonete. Ele fez questão de se levantar da mesa e fingir que segurava um esfregão em suas mãos para explicar que havia uma maneira correta de se limpar o chão: pegar o instrumento e ir desenhando um oito com o pano e caminhando de ré. Ou, numa construção mais poderosa, como ele opta na obra, fazer “o símbolo do infinito e ir andando para trás”.

MARIA LUÍSA FALCÃO



“Quero ser chamado para a Flip só para levantar e fazer essa dancinha do esfregão, que é uma das primeiras coisas que se aprende no McDonald’s. É tipo um movimento de Sísifo, limpando o chão eternamente”, compara o autor.

PADRÃO, PADRÃO, PADRÃO

O infinito para quem trabalha numa loja dessas parece só ser possível enquanto regresso mesmo, devido à maneira como a humanidade de cada um ali é aplacada. No dia a dia limpando o estacionamento – ainda que ele já esteja limpo – e virando hambúrgueres sistematicamente, uma palavra se repete insanamente: Padrão. Padrão. Padrão. Padrão. Para tudo é preciso seguir o Padrão. Não há crime maior do que se desviar do Padrão, tentar subvertê-lo. O Padrão é o patrão, o cara que manda apenas zela rigorosamente pelo Padrão. Está lá: “O gerente de bigode, cofiando os pelos, diz que o direito de greve é lei, e que entende a reivindicação dos garotos. Mas que isso não é maior que o Padrão, que foi atingido no nervo”. Ou seja, até entende a insatisfação, mas é preciso seguir o Padrão. Quer ser você mesmo? Pode ser, desde que o “você mesmo” seja exatamente o que o Padrão exige.

Já o tecnicismo brutal aproxima o ambiente de trabalho no qual o jovem vive das piores distopias da literatura. À frente da chapa, exige-se que os humanos sejam robôs, que jamais contestem ordens e que se lembrem sempre de que “ali não é lugar de sindicalismo”. Quando o protagonista entra na faculdade, descobre também que onde trabalha é quase um pecado – ou um sinal de arrogância, esnobismo – buscar aprimorar a inteligência e pensar de uma maneira menos óbvia. Por experiência própria, sei que esta é uma realidade que não se limita às redes de *fast food*. Meu primeiro emprego



foi de auxiliar administrativo em uma empresa de cobranças, e ali a situação era bastante semelhante. Não por acaso, “abriram mão dos meus serviços” logo após eu questionar algumas lavagens cerebrais que tentavam fazer com os funcionários.

Uma das funções da literatura pode ser exatamente colocar essas realidades em cheque, mostrar a jovens que eles podem – e devem! – se mostrar pensantes, principalmente quando são encarados como meras máquinas. Que às vezes é preciso se rebelar e socar o gerente bigodudo, nem que seja metaforicamente. Mostrar outras possibilidades e caminhos para o futuro, que pode ser diferente de um infinito que anda para trás.

Henrique também acredita nisso. “O escritor tem que ser do contra. Se não for, vai fazer uma literatura muito questionável. A literatura deve mostrar, por meio da representação simbólica, o que não está certo. *O germinal*, do Zola, está na epígrafe do livro por isso, ele escreveu o romance baseado na greve dos mineiros. A arte não tem, inicialmente, uma missão utilitária e social, mas pode apontar para aspectos bizarros que deixamos de achar errados por causa do cotidiano. Essa mecanização é o oposto da literatura, que é a liberdade”.

NECESSIDADE DA ASCENSÃO CULTURAL

Henrique, o escritor, é velho malandro das letras, sabe o que está fazendo quando usa frases de efeito como “mesmo quando tudo para, ninguém pode ficar parado” ou “isso, garoto, vai dançar aí para sempre, você nasceu pra isso”. Poeta, cronista e organizador de antologias de contos inspirados na Legião Urbana e nos Beatles, autor de livros infantis e assessor de literatura do Sesc, deixou para estreiar no romance agora, perto dos 40 anos, e levou seis meses para concluir *O próximo da fila*. “Sabia que história eu ia fazer, com qual final, quais

O romance *O próximo da fila* traz um personagem às voltas com a rotina padrão de um funcionário de rede fast food

desdobramentos. Só estava receoso com relação à primeira pessoa, com medo de acharem que era confessional, por isso escrevi em terceira, mas não gostei. Depois escrevi capítulos em primeira e percebi que os leitores é quem se colocariam na pele do personagem”, relata sobre a experiência.

Se frases cunhadas por ele como as citadas no parágrafo anterior vão além do mero impacto inicial – a primeira explicita a estupidez empresarial; a segunda, a crueldade em achar que alguém realmente nasce para viver de fazer o símbolo do infinito com um esfregão –, na estrutura do romance Henrique também não nos apresenta algo plano. Além da história de formação do protagonista, em seu entorno encontramos um ótimo retrato da delicada realidade que o país vivia no início dos anos 1990.

Dessa forma, fala de um povo com receio da democracia após se decepcionar com suas próprias

escolhas que sucederam a ditadura civil-militar e de uma época de hiperinflação e incertezas econômicas. “A realidade da minha mãe, no entanto, é diferente. Ela sabe que vem chegando o mês de reajuste do aluguel, e que a inflação vai dobrar o valor e sozinha não vai conseguir manter a casa e dois filhos”, relata o protagonista. Dessa forma, um retrato mais amplo, não apenas particular das classes pobres é traçado – ainda que o particular, no caso, já universalize satisfatoriamente as parcas possibilidades dos jovens menos abastados, maioria em nosso país.

“É o livro das coisas que dão errado e você precisa seguir em frente. Você está vivendo uma crise, sua família está numa situação ruim economicamente e você tem que continuar”, diz o escritor. “Essa turma das classes C e D está eternamente na sociedade brasileira condenada a viver o movimento igual ao do esfregão. Esse livro acaba em 1994, antes do Plano Real. Depois essas classes cresceram em termos econômicos, puramente de consumo, mas permanecem bem paradas em termos educativos e culturais. É muito bom que saiam da faixa de miséria, tenham acesso a geladeira e fogão, mas a evolução precisa ir além disso. Hoje eles têm todos os bens de consumo vendidos como fundamentais, mas não têm livros em casa. Ainda falta esse salto: termos educação e cultura em larga escala”.

Transformando em literatura a vida das classes C e D que Henrique constrói um romance importante em nossa atual cena literária. Precisamos mesmo de mais funcionários do McDonald’s bem representados artisticamente – e de menos personagens escritores, jornalistas ou professores, de menos personagens como Roberto, o mal-acabado do início deste texto. Esse é um passo-chave para a pluralidade social tão defendida pelos próprios autores de nosso país.

ENTREVISTA

José Luiz Peixoto

“Como a vida, a escrita é procura permanente”

O escritor português retorna ao ambiente de interior do seu país numa potente narrativa em que fala da morte paterna e discute questões transnacionais de identidade

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

O interior de Portugal já era conhecido na prosa de José Luís Peixoto (1974), seja no romance de formação *Livro* (Companhia das Letras, 2012) ou em *Morreste-me* (Dublinense, 2015), pequena mas potente narrativa sobre a morte de seu pai. Foi com a recente publicação de *Galveias* (Companhia das Letras), no entanto, que o autor português elevou sua cidade natal a personagem central. Afinal, a identidade é, como o escritor coloca nesta entrevista, a questão central de sua literatura.

No novo romance, Peixoto – vencedor do prêmio José Saramago em 2001 e traduzido para mais de vinte idiomas – relembra e narra a Galveias dos anos 1980 a partir das histórias de dezenas de personagens, tão preciosas e

cativantes. É um olhar carinhoso que o autor lança sobre o que há de mais humano (para o bem e para o mal) nelas, alternando entre a vida pública e privada, íntima e coletiva, sem ignorar as dificuldades da vida no interior português e os embates da chegada da modernidade.

Na conversa a seguir, realizada via e-mail, José Luís Peixoto fala sobre o retorno a Galveias, discute aspectos da vida em uma pequena cidade, a relação entre ficção e autobiografia, e outros temas.

Galveias pode ter seus um mil habitantes, mas as dezenas de personagens do romance compõem um universo riquíssimo, pleno de idiosincrasias, vícios, ambições, amores, conchavos, desejos, medos. O que admira nessas personagens?

As personagens que compõem *Galveias* foram escolhidas uma a uma. Aos meus olhos, cada personagem teve de merecer o lugar que ocupa neste romance. O facto de eu ter nascido em Galveias, de ter vivido lá até os 18 anos, faz com que a minha relação com o espaço descrito no livro seja muito pessoal e, em alguns momentos, íntima. Assim, as pessoas que conheço de Galveias, que me marcaram muito enquanto crescia e formava as minhas impressões acerca do mundo, têm alguma presença na forma como construí estas personagens. De certo modo, cada uma dessas figuras, até as menos óbvias, são homenagens a essa gente, a Galveias, a toda aquela região e, mesmo, a todo o interior de Portugal. Nunca quis, no entanto, que essa homenagem lhes retirasse aquilo que mais admiro nelas, aquilo que creio que deve ser celebrado nelas: a sua humanidade. Essa foi a principal característica que tentei preservar. Apesar da tentação de engrandecê-las, tentei ao máximo que continuassem a ser personagens humanas, com qualidades e defeitos.

E o principal desafio em retratar a vida na sua cidade natal, qual seria? O referencial autobiográfico limitou de alguma forma a elaboração da ficção? Desde há muito tempo que os meus livros ensaiam essa relação entre ficção e autobiografia. Ao mesmo tempo, esse é um assunto antigo na história da literatura. Neste caso específico, essa questão colocou-se de forma muito concreta até na escolha de todo o espaço em que decorre a ação. O facto de tudo acontecer no lugar onde nasci e onde fui criança faz com que se torne muito concreto algo que seria bem mais abstrato se tivesse outro nome e outras referências. Vejo o aspecto autobiográfico, ou aquilo que o leitor toma por autobiográfico, como uma força. Pela minha parte, parece-me importante que se tenha consciência dela e se use essa força a serviço da intenção central do texto em causa. Na circunstância deste romance, o facto de se tratar de uma realidade que existe ajudou bastante na minha vontade de que o romance chamasse a atenção para as dificuldades que

“ Eu mesmo vejo o aspecto autobiográfico, ou aquilo que o leitor toma por autobiográfico, como uma força

“ Portugal tem muitas dúvidas acerca de si. Creio que essas questões ficam muito claras no conjunto da sua produção literária

o interior de Portugal atravessa. Tal como Galveias, também essas dificuldades são reais. No âmbito de um texto literário, no entanto, o tema tem de ser trabalhado de modo a ser entendido de acordo com as características dessa dimensão, forma e contexto.

E como chegou à estrutura da história, que se desenvolve quase que por meio de miniperfis dos moradores, cada um com seu “capítulo”?
Sob esse aspecto, a minha intenção era criar uma rede narrativa que sugerisse o coletivo que constitui uma comunidade. Assim, cheguei a essa estrutura onde cada personagem vai sendo protagonista da sua história pessoal, dando-nos acesso a uma visão profunda daquilo que a constitui e, ao mesmo tempo, nos mostra uma perspectiva pública de assuntos que cruzam aquela pequena sociedade. Essa visão é mais superficial e, muitas vezes, acaba por ser aprofundada mais tarde. É dessa forma, entre o social e o pessoal, que a narrativa de toda a comunidade vai sendo edificada e transportada ao longo das páginas do romance.

Que cidade encontrou ao retornar para escrever o livro, trinta anos depois do período em que corre a história? Como conciliou esse reencontro com sua própria memória (o eu atual e o eu de então)?
Uma opinião muito simpática que tive oportunidade de ler acerca do romance, dizia que, na leitura, em certos momentos, se distinguia o olhar de quando eu tinha dez anos. Fiquei muito sensibilizado com essa

observação porque, apesar de não ter tido consciência dela enquanto estava a escrever, fui levado a concluir que, efetivamente, é assim. Entre outros aspectos, escrever este livro foi um exercício de memória, uma viagem no tempo. Em grande medida, a proposta que o romance apresenta é uma contraposição do passado e do presente. Comparando esses dois tempos, chega-se a algumas conclusões.

A partir da leitura dos escritores contemporâneos portugueses, que país um leitor encontraria?
Portugal é um país que tem muitas dúvidas acerca de si próprio. Creio que essas questões ficam muito claras no conjunto da produção literária contemporânea do país. Talvez por causa do passado grandioso, acredito que Portugal desenvolveu certa bipolaridade: às vezes, convencemo-nos de que somos os melhores do mundo e, logo a seguir, achamos que somos os piores do mundo. Na realidade, parece-me, não somos nem uma coisa, nem outra. Se não formos os melhores, não temos necessariamente de ser os piores. Além do passado, penso que a geografia e as relações que estabelecemos também nos colocam numa situação complexa. Geograficamente, ficamos nesse canto da Europa, longe do centro, inclinados sobre um oceano enorme. Ao nível das relações, temos o Brasil que é imenso e com quem temos inúmeros mal-entendidos; temos Espanha, que nos rodeia e nos desconhece;

temos África, que nos é tão próxima, mas cuja relação ainda está muito moldada pelas cicatrizes do colonialismo.

Ao deixar Galveias para estudar em Lisboa, como passou a ver seu local de origem a partir de uma grande cidade?
A distância oferece-nos sempre a perspectiva e, com ela, passamos a ver um pouco melhor detalhes que, antes, demasiado perto, demasiado envolvidos, tínhamos dificuldade de distinguir. Creio que existe uma tendência natural para nos habituarmos a uma quantidade de vantagens, damo-las como adquiridas e, só quando as perdemos, lhes reconhecemos valor. Tudo isso aconteceu quando deixei Galveias e cheguei a Lisboa. No romance, tentei dar algum eco desse contraste. Os protagonistas da segunda parte têm uma forte ligação com Galveias e, ao mesmo tempo, a uma realidade exterior: Guiné-Bissau, Lisboa, Belo Horizonte, entre outras.

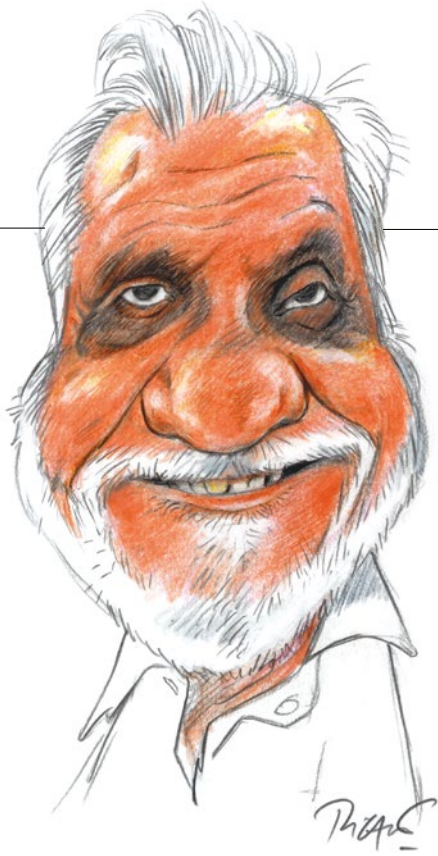
Quais aspectos da vida numa pequena comunidade lhe interessam? E, fora da literatura, quais dispensa?
Infelizmente, em muitos pontos, a realidade apresentada no romance é menos dura do que a vida que, hoje, se vive naquela região. Estes trinta anos não foram apenas de evolução, pelo contrário. Hoje, o interior de Portugal é constituído sobretudo por comunidades muito envelhecidas e, a um ritmo preocupante, tem perdido muita população. Esse é um tema muito concreto que eu quis lembrar com este romance. Ainda assim,

é claro que o livro tem uma abrangência mais ampla e que toca, por exemplo, a questão da vida em pequenas comunidades. Nesse ponto, a minha intenção era mostrar a dimensão humana dessas relações. Nas pequenas comunidades, os indivíduos têm um papel de maior destaque e, por consequência, de maior importância. Essa característica, no entanto, não é apenas positiva. Por vezes, não é fácil viver com essa falta de privacidade e, também, com o julgamento coletivo, a vigilância da moral coletiva.

E de que maneira acredita que a infância em Galveias – “raiz a partir da qual cresceu”, como já afirmou – lhe moldou, formou parte importante das suas noções? Há uma forma de pensar e ver o mundo que advém da ruralidade?
Para mim, é muito difícil fazer uma avaliação isenta dessa influência. Este facto é, em si mesmo, representativo da importância dessa “raiz”. Creio que a ruralidade impõe marcas muito fortes no modo como se encara a vida. Por um lado, há a proximidade da natureza e a maneira como essa relação influencia noções essenciais, como é o caso da morte. Por outro lado, há o tempo. A maneira como entendemos o tempo, como respiramos, é determinante em tudo o que fazemos, tem reflexo nas dimensões que medimos, nas proporções que atribuímos, naquilo que valorizamos. Além disso, há também a importância que é dada ao indivíduo nas pequenas comunidades, como já

referi, e vários outros elementos também fundamentais. A ruralidade determina bastante e, parece-me, aquilo que mais importa dessas características é transnacional, apesar das especificidades de cada realidade.

Sua sensibilidade e percepção são frequentemente elogiadas em críticas, e visíveis tanto em obras mais autobiográficas, como *Morreste-me* e *Galveias*, quanto em *Livro*, que trata de uma geração anterior à sua, e mesmo em *Dentro do segredo*, relato sobre a Coreia do Norte. O que será que lhe confere essas características? Atualmente, mais de uma década depois de seu primeiro livro, qual a característica que mais lhe interessa trabalhar enquanto escritor?
Como a vida, a escrita é uma procura permanente. Ao longo do tempo, tenho seguido caminhos que me pareceram sedutores por questões pessoais. Interrogo sempre a mim próprio acerca da pertinência de cada questão que desenvolvo nos livros que escrevo. Nestes anos e nestes títulos, tenho aberto ramificações que, essencialmente, estão ligadas à questão da identidade. Em qualquer desses livros, a pergunta fundamental é: quem sou? Muitas vezes, parece-me que essa é a principal questão, aquela que está debaixo de todas as outras. Esse é o tamanho que considero para essa busca. Por isso, independentemente daquilo que o futuro me trará, creio que continuarei trabalhando essa questão, mesmo que nem sempre de forma evidente.



Raimundo CARRERO

O Caminho do artista para o Belo

Julián Fuks lança livro que
mostra a maturidade em
uso de técnicas literárias

FERNANDA SUCUPIRA/DIVULGAÇÃO



O grande desafio do escritor contemporâneo é reunir com extrema qualidade os conteúdos material e literário da obra, com ênfase para o conteúdo literário, de forma a alcançar os melhores resultados estéticos. Isso quer dizer que o Belo está acima do discurso social, econômico ou político.

A história da literatura mostra esta verdade em absoluto: os autores que privilegiaram o elemento artístico tiveram os melhores resultados, enriquecendo de forma definitiva a narrativa em forma ou em prosa. A questão não é relevar a segundo plano o conteúdo material, mas qualificá-lo, sem que se torne fechado ou esotérico. Basta trabalhar com intensidade o conteúdo literário ou artístico, até porque a finalidade da obra é a Beleza.

Exemplo de obra conteudística que se transforma em obra literária de grande qualidade é o romance *A resistência*, de Julián Fuks, recentemente publicado pela Companhia das Letras. Trata-se do drama – ou tragédia – dos ativistas políticos argentinos que enfrentaram a ditadura militar e que tiveram seus

filhos, sobretudo recém-nascidos, sequestrados e entregues a famílias desconhecidas. Algo profundamente doloroso e inquietante e, sem dúvida, tema para grandes obras. Aliás, grande obra que Fuks enfrentou e realizou com imensa qualidade. Na verdade, incontestável.

Desta maneira, o escritor paulista se aproxima muito daquele tipo de romance do qual Thomas Mann é o principal representante: ficção com ensaísmo, ou ensaística, em que se defende um ponto de vista, por assim dizer, científico, mas considerando sempre, e de maneira radical, a qualidade literária, nem sempre observada pelo escritor – se é que é escritor mesmo – contemporâneo.

Em geral, e quase sempre em geral, privilegiar-se o conteúdo material, que não é literatura, e o resultado é apenas um panfleto sem conquistas literárias. Pode ter méritos, e até grandes méritos, mas fica-se devendo à literatura. Observe-se, por exemplo o romance *Abril despedaçado*, de Ismail Kadaré, em que a técnica supera, em muito, a de-

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

MEMÓRIA

Obra-prima de Mario Sette, livro de crônicas *Arruar*, sobre o Recife antigo, será relançado este ano pela Cepe Editora

Uma coleção de crônicas, traçando uma visão panorâmica da evolução do Recife, entre o final do século 19 e o início dos anos 20, fase marcada por fortes transformações e melhoramentos urbanos, e pelo surgimento de novos hábitos e costumes sociais. Tudo escrito num estilo simples e afetivo, mas preciso em suas referências factuais, sociológicas e históricas. Estas são as qualidades

principais de um clássico da literatura pernambucana, o livro *Arruar: história pitoresca do Recife antigo*, considerado a obra-prima do romancista, contista, jornalista, professor e tradutor pernambucano Mario Sette (foto), que será relançado ainda este ano pela Cepe Editora, com atualização ortográfica e novo projeto gráfico, dentro da política de conservação da memória cultural da cidade.

REPRODUÇÃO





núncia social do *kanun do sangue*. A pura denúncia social pode até revelar e apaixonar, mas esta não é a tarefa da literatura.

O conteúdo material – temática, denúncia, material jornalístico, fotografias, cartas, depoimentos – antecede a criação e motiva a elaboração da obra, mas somente terá a grandeza necessária quando trabalhada pelo conteúdo literário – texto, estilo, cenas, cenários, personagens, diálogos – até se transformar em obra artística, que é, enfim, o objetivo de toda obra.

Chamo a atenção, por exemplo, para este texto na página 15 do romance de Julián Fuks. Trata-se de um monólogo – o monólogo é uma técnica de discurso interior em que o personagem fala consigo mesmo de maneira linear e lógica, por considerar que tem alguém para ouvi-lo, enquanto o solilóquio é ilinear e ilógico, porque o personagem fala com ele e somente com ele, sem ouvido para escutá-lo. O estilo é denso e as frases se desdobram de forma a lembrar um eco, como apontam os críticos no estilo de Proust, por exemplo:

“Além da mágoa. Há anos observo em meu irmão, impressionado, sua capacidade de afastar prontamente os pensamentos que lhe desagradam, de interromper conversas sem brusquidão, de mudar de assunto sem se dar conta, de deslizar entre uma ideia e outra de forma quase instântânea, sem sobressalto. Vejo seu rosto se crispar por um segundo ante um vago infortúnio, alguma frase infeliz que ninguém chegou a proferir, uma ínfima sugestão ou aproximação ao que o perturba, pra logo retornar às suas feições comuns, à sua indiferença, sua neutralidade anestesiada.”

No próximo texto, porém, percebe-se como o conteúdo material aflora e assume a narrativa, mesmo que o conteúdo literário conquiste o brilho estético, mantendo o equilíbrio entre as partes. Como nesse caso:

“Cúmplices de uma pátria sem caráter que os perseguia, nisso haviam se tornado. Por mais verdadeiros que fossem, seus argumentos pareciam inócuos. Eles haviam se recusado, sim, a vestir a camisa, haviam contido todos os gritos, vaiado com afinco cada autoridade que aparecesse na tela, cada farda reluzente que às câmaras se apresentasse.”

É este equilíbrio que revela um escritor de grande qualidade, a exigir maior atenção da crítica e dos estudiosos. Outro cuidado exemplar de Fuks está no uso do diálogo, técnica que pode provocar grande dano na narrativa, mas tratado com muita atenção aqui, de modo que praticamente não existe, a não ser no caso do discreto discurso indireto livre. Usasse o diálogo tradicional, correria o risco de trazer o panfleto direto para o texto. Todos sabem que o diálogo tradicional é eloquente e vibrante, na maioria das vezes tornando a narrativa muito discursiva.

A história do romance brasileiro registra o uso e abuso do diálogo tradicional, sobretudo no romance regionalista, que pretende registrar e documentar a fala no sentido sociológico-antropológico. Nos textos mais recentes é comum o uso do discurso indireto livre, criado por Flaubert, sobretudo no romance *Madame Bovary*. Quem fortaleceu o uso do discurso indireto livre no Brasil foi Clarice Lispector através do solilóquios e de monólogos interiores. Julian não apresenta influências de Clarice, até porque tem um timbre forte e uma linguagem muito pessoal.

É preciso destacar que são inúmeras – como procuro demonstrar – as qualidades deste romance. Aliás, o romance brasileiro tem sido muito enriquecido por muitos autores que têm na prosa a realização plena da obra artística, mesmo quando tende a enveredar pela denúncia social e por questões políticas, que devem ser sempre questionadas.

A *resistência* é, sem dúvida, um romance que consolida a arte da narrativa no Brasil. Pela habilidade com que dissolve a questão política em alta qualidade literária.

ESTREIA

Jovem poeta estreia com livro artesanal sobre o cotidiano

Fulguras, de Elimar Macêdo, é um livrinho curioso. Edição artesanal do autor, com projeto de João Cláudio Caminha, é composto de uma capa e duas folhas de papel A4 dobradas de modo a conter 18 poemas sobre o cotidiano, visto com delicadeza. Alguns versos surpreendem pelo surrealismo: “Tenho pena dos bois e vacas/ O colorido ia fazer-lhes muito bem”. Começo diferente para um poeta.

HISTÓRIA

Pesquisa sobre a vida das populações indígenas do Médio São Francisco revela relações de poder no processo de colonização

As historiadoras Bartira Ferraz Barbosa e Socorro Ferraz estão lançando pela Editora UFPE o livro *Sertão: fronteira do medo*, resultado de uma pesquisa original destinada a cobrir lacunas sobre a história das populações indígenas habitantes da região do Médio São Francisco. Acervos cartoriais e eclesiásticos e outros documentos encontrados em arquivos de Portugal e da Holanda serviram

de fonte para a apuração. Um dado que sobressaiu da matéria foi a marca do medo como fenômeno social, produzido pelas relações de poder, durante o processo de colonização. O prefácio é assinado pela professora Maria Hilda Baqueiro Paraíso, da Universidade Federal da Bahia, considerada uma das maiores autoridades brasileiras na história das populações indígenas do Sertão do Nordeste.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.
2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

VII É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

Companhia Editora de Pernambuco

Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



SECRETARIA
DA CASA CIVIL



CAPA

“Você não para por entre os



de cair / fugindo / dedos de todos”

Um “manual” para entender
as “crises” que marcam a obra
da homenageada da Flip 2016

Texto: Gianni Paula de Melo | Ilustrações: Janio Santos

“Dos cem prismas de uma joia/
quantos há que não presumo”

I

Há dias pensando o que escrevo, em como escrevo. Pergunto-me, aliás, por que raios aceitei escrever sobre ela quando, na verdade, todo texto que quisesse evocá-la deveria ser *para* ela. Logo eu, capaz de mapear a minha desorientação diante dos teus versos, do tamanho do mapa-múndi, até topar no poema exato que me desdiga. Incomodei muitos poetas nessa virada de ano, e alguns me responderam mesmo estando com problemas, mesmo estando em Nova Déli. Parece que fui indelicada com o Armando Freitas Filho, embora não tivesse a intenção. Mas faz diferença, a intenção, em matéria de indelicadeza? Escrevo em fragmentos porque, hoje, não consigo de outro modo, e não é pretensão, está mais para desespero. Não sei se desisto.

II

Aristóteles aponta duas causas naturais para a origem da poesia: a capacidade de imitação, que implica em um jogo prazeroso, e o ritmo, aprendizado orgânico, inscrito no corpo vivo. Tã no pulso marcado, desde o zero – no princípio, era o verbo. Ana sacou bem cedo, foi pega pelo ouvido nas leituras de poesia religiosa das igrejas que frequentava com a família. Tinha quatro ou cinco anos quando ditou seus primeiros poemas para a mãe, se antecipando à escrita, o que não fazia em estática concentração, mas saltitando de lá pra cá, brincando de melopeia, e ardor dentro do gogó.

III

Aos nove anos de idade, Ana já não ditava seus textos, mas os escrevia em caderninhos. Nessa época, arquitetou um poema montado com o primeiro verso de vários sonetos de Camões. Ali, para a menina da zona sul do Rio de Janeiro, a apropriação era, talvez, um percurso lúdico da escrita, mas para a autora moderna, leitora de poetas modernos, se tornaria um método de adensamento das suas questões literárias. Construir por colagem ou remixagem pode parecer muito familiar no contexto da produção contemporânea, no entanto, na década de 1970 era uma das marcas da originalidade de Ana C. Aprendemos com ela aquilo que Armando Freitas Filho definiu como “uma cleptomania estilística”. Levava na ponta do lápis Elizabeth Bishop, Billie Holiday, Emily Dickinson,

Walt Whitman, Katherine Mansfield, Katia Muricy, Grazyna Drabik... E, nos intertextos com as novas gerações, está mais presente que sempre nas obras de Angélica Freitas, Bruna Beber, Ana Martins Marques, Laura Liuzzi, Ricardo Domeneck... *ad infinitum*.

IV

Aos 17 anos, Laura Erber vivia em Florença, na Itália, onde cursava o segundo grau em um liceu artístico. Estava às voltas com a grande decisão de todo adolescente nessa idade e se via dividida entre Cinema, Letras e Filosofia. Embora se reconheça mais influenciada pelos ensaios do que pela poesia da Ana Cristina Cesar, a edição de *A teus pés*, que tomou emprestada das estantes da sua mãe, foi determinante naquele cenário. A idealizadora da Zazie Edições atribui à leitura da poeta carioca e do Chico Alvim a sua adesão aos bancos da graduação de Letras com um anseio tão maiúsculo quanto despretenso: poder ler melhor Literatura Brasileira. Laura entrou para a UERJ em 1998. 27 anos antes, Ana C. apostava no mesmo curso, nos bancos da PUC.

V

Ser professor da Ana C. era uma missão na esquina do privilégio com a encrenca. É bem verdade que ficou amiga de alguns deles, o que não significa que tenha facilitado seu trabalho. Clara Alvim sempre conta da primeira vez que a viu, bancando a inglesa, dormindo no fundo da sala. A proposta inicial da disciplina que ministraria era uma abordagem greimasiana de autores brasileiros, mas a sonolência de Ana provocou a professora a rever seus caminhos. Clara levou Manuel Bandeira para a discussão, Ana passou às cadeiras da frente e as análises de poemas foram acontecendo, sem a mão pesada e onipotente do Estruturalismo francês da época. Criada no atrevimento, a poeta se envolveu, em 1975, na polêmica estabelecida entre seus professores – Luiz Costa Lima e Cacaso – a respeito de como a teoria era abordada no espaço universitário, tomando partido da discussão em seu artigo nada amistoso intitulado *Os professores contra a parede*. Era sua estreia no jornal *Opinião*, no dia 12 de dezembro. Impressionam a atualidade da discussão e a lucidez com que Ana avalia o seu contexto: “Tomar partido no debate *teoria x não-teoria* não é embarcar para o inferno ou para o paraíso, mas numa canoa furada”. Na época, a estudante questionava “o uso exclusivo de uma determinada abordagem que se diz mais científica ou verdadeira”

e condenava “a pretensão de banir da crítica literária o elemento apreciativo ideológico”. Hoje, o tal elemento apreciativo ideológico não só é acolhido como começa a pedir freios. Os estudos literários parecem norteados por prerrogativas diferentes, flexibilizadas, com uma vocação mais ensaística que teórica nesse sentido duro que tinha na época, e, por vezes, hostilizando a herança e o esforço de viés formalista.

–

Silviano Santiago também experimentou a agridoce sensação de ter a insuportavelmente crítica e irônica Ana C. como aluna, em uma turma de outros nomes brilhantes, como Flora Sussekind e Geraldo Carneiro. Assim como Clara Alvim, o escritor tem formação francesa e rascunhava suas aulas, principalmente as de difícil exposição. Certa vez, decidiu explicar o sistema metafórico do *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antônio Vieira, baseado na parábola do “semeador”, ou seja, do padre catequista de índios. Em casa, preparou um belo e complexo esquema sobre as metamorfoses por que passa a metáfora colonizadora da “semente” – *semen est verbum Dei* – na transposição do Evangelho para a Carta de Caminha e o Sermão de Vieira. Silviano estava no meio da transcrição para o quadro-negro do seu complicado esquema metafórico quando aquela que sabia ser ferina* perguntou se o professor não conseguia dar aula sem consultar notas escritas.

VI

Alice Sant’Anna estava fazendo uma pesquisa no Google sobre Modernismo para um trabalho da escola e, no aleatório abrir e fechar de abas, caiu em um site de poesia – acaso previsto para acontecer cedo ou tarde. Aos 15 anos, já tinha o hábito e o prazer da leitura, mas não nutria nenhum interesse especial por versos. De repente, se viu diante daquela coisa esquisita: “olho muito tempo o corpo de um poema/ até perder de vista o que não seja corpo/ e sentir separado dentre os dentes/ um filete de sangue nas gengivas”. Poesia, até onde sabia, era encastelada, sublime, metrificada; e aquele registro tinha assunto, organização e desfecho estranhíssimos. Buscou mais

* “A Ana poderia fazer uma crítica ferina como o corte que uma folha de papel faz, jamais como uma faca; está mais como um corte de navalha que só se sente depois, ou que sangra mais tarde, estrito, em linha reta, digamos assim”, Amando Freitas Filho.

CAPA



na internet e, na persistência do desentendimento, decidiu dormir cedo pra pegar a livraria abrindo no dia seguinte. Era uma descoberta: poesia para valer não comunica. Na época, a Nova Fronteira estava lançando uma edição verdinha de poemas da Ana, *Novas seletas*, um livro voltado para o público juvenil, com um glossário explicando o que era “brasa”, “mora” e outras gírias da década de 1970.

VII

É difícil encontrar matérias sobre a homenagem a Ana Cristina Cesar na Flip deste ano que não registrem o fator de gênero: em treze edições do evento, é a segunda mulher homenageada. Para a escritora, esse tipo de alusão constantemente pontuada pela crítica e, principalmente, a consciência de “ser escritora mulher” era motor de dúvidas. Já no final dos anos 1970, alertava que falar em “literatura feminina” poderia significar a condenação a uma dicção poética pré-estabelecida, socialmente construída; por outro lado, silenciar totalmente a referência, como se ela fosse irrelevante, também lhe parecia problemático. Buscava, então, uma terceira via. Em seus ensaios, voltou à temática algumas vezes na leitura de Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Angelina Melim e Adélia Prado; reflexões lúcidas e errantes, mas nunca indiferentes a essa chave de discussão. Sabia desde sempre que havia uma ideia de feminino a ser combatida e que ela coincidia com a própria ideia enjaulada de poesia – a dicção e os temas devem ser belos: ovelhas e nuvens. Indagava, no plano teórico, para transformar no criativo: “Não haveria por trás dessa concepção fluídica de poesia um sintomático calar de temas de mulher, ou de uma possível poesia moderna de mulher, violenta, briguenta, cafona, onipotente, sei lá?”. Mas, por vezes, cedia à sua própria ideia do feminino, como quando comparou os livros *As mulheres gostam muito* e *Oscaminhos do conhecer*, de Angela Melim, julgando ser

o segundo uma obra “engravatada”, interrogando se a poeta havia virado homem. Sua rotulagem, no entanto, dura o instante do pensamento espontâneo, não maturado, e a autocensura irrompe impiedosa. O que é escrever como mulher? Ana perseguia a charada sem resposta: tenho a impressão de que toda mulher que escreve tem de se haver com essa questão de alguma forma. Quando pergunto a Laura Erber se existe um fator do feminino que seja decisivo na sua escrita ou na da Ana C., ela responde que a poeta refletia o alcance e a infertilidade dessa noção: “Não acho que seja balela, mas é importante não baratear, não reduzir o feminino ao seu clichê de feminilidade e docilidade”. Alice Sant’Anna também segue nessa pista de que o homem escreve diferente da mulher: “Vi um dia desses o filme sobre o Chico, que adoro, e fiquei pensando na quantidade de músicas lindas com nomes de mulher. E então tentei lembrar o nome de uma música, uma só, com o nome de homem. Uma música em que uma mulher cortejasse (ou lembrasse, ou mesmo falasse mal de) um homem. Ainda não lembrei nenhuma. É claro que o que a Ana escreve é profundamente marcado pelo lugar de onde ela fala, os diários íntimos, a coceira depois do passeio de bicicleta, o enjoo que dá o ‘açúcar do desejo’, a conversa de senhoras bebericando chá – isso tudo evidentemente é escrito por uma mulher. A minha birra com essa questão é que colocar a etiqueta de ‘poesia feminina’ na Ana parece muito pobre, limitador, um rótulo de minoria, de gueto”. Seguimos no labiríntico dessa reflexão, às vezes com a sensação de andar em círculos, talvez porque, como disse o Silviano Santiago, a questão de *gender* na vida e na arte é menos contrastiva e mais plural: “As performances sexuais se disseminam de maneira aleatória e anárquica. Acredito que se se quiser ler a poesia de Ana Cristina pelo viés do gênero e da sexualidade, estaria mais apropriado dizer que ela foi precursora do que hoje entendemos por *queer*. Não

se deve esquecer que ela era leitora das romancistas inglesas, e certamente do *Orlando*, de Virginia Woolf, e contemporânea de Michel Foucault, que já em 1981 dizia que ser gay não se resume a revelar um ‘segredo’ e assumir uma ‘identidade’. Ser gay é um modo de vida”. Retorno então à Flip e às duas únicas mulheres homenageadas até então: Ana Cristina e Clarice Lispector. Há um universo comum evocado por esses nomes, para além do fato de serem donas de obras literárias assombrosas, transformadoras das nossas experiências. Dois nomes que remetem à pungência. A jovem Ana C., aliás, fora leitora atenta de Clarice, conversava com suas narrativas em seus livros repletos de grifos e comentários. Porém, à parte o imaginário do feminino partilhado e das marcantes fotos em p/b, aproximações que ambicionem relacionar os textos da poeta e os da ficcionista requerem cautela: “Essas questões são delicadas e qualquer discussão mais grosseira apenas serve para empanar o brilho individual das figuras em jogo. Tanto Clarice quanto Ana Cristina e muitos outros escritores e escritoras pisam o mesmo chão cristalizado pela leitura inteligente de certa tradição lírica luso-brasileira, menosprezada nos anos de 1930 a 1960 pelos poetas militantes políticos. A tradição lírica marginalizada passa a ser adubada por alguns grupos, de que Clarice na prosa e Ana Cristina na poesia são exemplos, e é fermentada pela leitura do melhor da literatura anglo-saxã”, avalia Silviano Santiago. Já o colega e autor do perfil biográfico da poeta, Italo Moriconi, traça uma aproximação mais estreita entre as escritoras: “Ana Cristina pode ser ‘classificada’ como uma das autoras e autores que se inserem no que gosto de chamar de linhagem *clariceana* na literatura brasileira (o João Gilberto Noll é outro que classifico assim). Onde ela mais segue Clarice, a meu ver, é na busca de um texto que simula uma vontade de caotização. Mas a linguagem de Clarice (veja *Água viva* ou *A paixão segundo GH*) se ramifica em dualidades,



vai se desdobrando rizomaticamente, com certo rigor. Os textos mais radicais de Ana C. trabalham, antes, na esfera do acúmulo. Em Clarice existe sempre a questão da narrativa em prosa, já a plataforma de Ana é simplesmente a poesia, a lírica, uma lírica inquieta por certo, e que se autodissolve na narrativa dos dias, prosaiando-se, prosificando-se”.

VIII

Em 1980, antes mesmo da edição de *A teus pés* ficar pronta, Carlito Azevedo conheceu a poesia de Ana C. O ponto de encontro foi a extinta Livraria Muro, espaço de resistência cultural democrática, onde era possível comprar exemplares da produção literária dos artistas independentes. Naquele momento, aos 19 anos, ainda não sabia quem era a tal escritora de *Cenas de abril*, mas achou o livro lindo, sofisticado. Para o rapaz que se tornaria o radar de uma geração de poetas, ali, no final da experiência adolescente, era como se estivesse diante não apenas de uma obra admirável, mas de alguém com o mesmo grau de confusão de sua cabeça e de suas ideias.

IX

My dear, chove a cântaros. Sempre que retorno à *Correspondência completa*, tenho a impressão de estar lendo a apresentação de uma poética, uma espécie de manifesto artístico individual. O livrinho de 1979 condensa características-norte da sua escrita e consiste em uma carta fictícia, de Júlia para alguém, seu interlocutor “singular e anônimo”, nos diria Silviano Santiago. Ana sofria de gigantismo epistolar, o mesmo mal que abatia Mário de Andrade, e fazia das suas cartas privadas espaço literário, pois não se rendia à escrita inocente. Certa vez, Heloísa Buarque de Hollanda declarou que Ana comportava-se como se estivesse sempre em crise e fingia precisar dos conselhos das amigas mais velhas. Perguntei

por que ela achava que havia fingimento em certos pedidos de socorro, o que me explicou: “Porque, antes de tudo, a Ana construiu uma persona poética interessantíssima e atraente, e a crise, muitas vezes, foi usada na composição dessa persona”. Por ter essa intimidade funda com as correspondências, Ana compreendeu desde cedo o endereçamento do texto literário, “a questão da destinação do poema como experiência de tensão e tesão entre leitor e texto”, nas palavras de Laura Erber. Enxergo em *Correspondência completa* o ensaio de uma estética por algumas razões, e a primeira é o fato de que a missiva é destinada a alguém que tem informações que completam o texto; *my dear* recebe notícias e respostas a respeito de uma vivência comum, há uma partilha de mundo que vai além do texto. Pensando na sua obra, observamos o alargamento dessa retórica em poemas que muitas vezes se dirigem a um interlocutor que está a par, próximo, mas nós não estamos. Uma equação flu-tuante, nunca espontaneísmo, tampouco tecnicismo criador. Por um lado, os “efeitos de espontaneidade, sinceridade, franqueza, alusões constantes que guardam o aspecto de acontecimentos pessoais e segredos íntimos”, como descreveu o Marcos Siscar. Por outro, a constatação de que somos falsos íntimos, de que revirar o poema não nos ofertará nenhum segredo além do poema. A exposição da intimidade é uma estratégia de sedução, afinal, *you know what lies are for*. Há uma urgência do envolvimento, da interlocução e

“Pelo viés do gênero, Ana C. seria precursora do que hoje entendemos por queer”, afirma o crítico literário Silviano Santiago

do relacional na arquitetura do texto. “É para você que escrevo, hipócrita. Para você – sou eu que te sacudo os ombros e grito verdades nos ouvidos, no último momento.” Esses versos, aliás, nos remetem mais uma vez às certezas análises de Siscar: “O poema não é defensivo em relação à indiferença do interlocutor; pelo contrário, faz dela a razão de seu drama ou de sua farsa”. Mas, aqui, voltamos à *Correspondência completa* e ao Silviano Santiago, para ressaltar que o mesmo poema que não se intimida perante a indiferença reage ao autoritarismo. “É leitor autoritário o que enfrenta as exigências do poema com ideias preconcebidas e globalizantes”, afirma Santiago para, adiante, nos lembrar de que Ana C. tinha “fobia da explicação otimista e vencedora, convincente e lógica, redonda e massacrante, que existe em toda leitura bem-sucedida de um poema”. Em matéria de poesia, cedemos a esse ímpeto de controle e compreensão quase que inconscientemente e, estou certa, com mais frequência do que nós, leitores imaginativos e bem intencionados, gostaríamos. Ana dificulta para os impacientes enquanto observa nossa ansiedade de apropriação por trás dos óculos escuros.

X

Aos 31 anos, mesma idade com que a Ana morreu, Mariano Marovatto mergulhou no arquivo da poeta e vasculhou cada folha de cada caderno para chegar à seleta de inéditos “Visita à oficina”, seção da edição *Poética*, da Companhia das Letras. Por ter escrito uma tese que contempla a geração da escritora e organizado o acervo de Cacaso, realizou esse trabalho com certa intimidade e encantamento. No entanto, aos 18 anos de idade, o contato inicial com a obra da Ana Cristina Cesar foi diferente. Quando leu *A teus pés* pela primeira vez, na época em que saiu a edição da Ática, encarou aqueles poemas com desdém, como quem olha um oponente. Não tinha maturidade, não atingiu o cerne. Amor começa tarde.

XI

No documentário *Bruta aventura em versos*, chamam atenção os momentos em que Chacal e Alice Sant’Anna tentam recitar o mesmo poema da Ana C., mas não conseguem recordá-lo com precisão. É curtinho, cinco versos, o do filete de sangue nas gengivas. Se, antes, falamos de uma menina que começou ditando seus textos – e poesia, a princípio, é propor um ritmo –, hoje sabemos que a mulher, a poeta de projeto, encontrou uma batida a que de-moramos a nos acostumar. Muito disso se deve à recorrência obsessiva da interrupção, o que se dá sintática, imagética e tematicamente, em construções que não nos chegam com o acabamento que nos é familiar. A tentativa de ler seus poemas em voz alta não raro nos causa embaraços: atrapalhamo-nos na entonação e nas pausas, perdemos o fôlego, pedimos mais uma chance, somos constrangidos pela carência da métrica, e fica a sensação de que é melhor deixar ele ali, fixado no papel, uma vez que não sabemos domar sua melodia. Seus poemas são escorregadios à memória, estão sempre sendo lidos pela primeira vez, presentificados pela sua essência interlocutória. Uma característica melhor explicada por Viviana Bosi, quando ela pontua que “a dificuldade de memorização dos poemas de Ana Cristina se deve tanto à forma, que tangencia o ‘informe’, saindo dos parâmetros poéticos usuais de paralelismo, eco, ritmo metrificado (que facilitariam a recitação); quanto ao conteúdo, pois os saltos inesperados da frase, as mudanças de tom, a proposital quebra da continuidade semântica e sintática, obrigam o seu leitor a interagir com o texto, completando-o pela imaginação e pelo sentimento”. Mais uma vez, as evidências de que há formas de resistir ao autoritarismo dos sentidos no interior do jogo literário e de que é preciso combater a nossa vocação para o poder e para o controle.

XII

“Você não para de cair/ fugindo/ por entre os dedos de todos:/ água da mina/ resvalando pelas pedras.” Ninguém dedicou-lhe tantos versos quanto o amigo Armando Freitas Filho e ninguém a sustentou no ar como o poeta. *De cor*, publicado em 1988, carrega a cicatriz do sentimento de perda sem resgate possível. Tenho estudado a obra do escritor, principalmente seus últimos livros. Tateio as imagens da finitude, da morte e me aventuro nas reflexões sobre o estilo tardio. Penso nela, inaugural e subversiva, destoando da dicção de sua geração para criar a gramática da nossa; e recordo o Edward Said, quando ele nos diz que “ser tardio é portanto uma espécie de exílio autoimposto diante de tudo que costuma ser aceito, um exílio posterior e sobrevivente a isso”. Penso nela, tardia desde sempre, pois o tempo biológico não é fator único da nossa relação com o fim nem da consciência de distanciamento e anacronismo; e recordo *Adorno*, quando o teórico afirma sobre as obras tardias em que “ele [o artista] não providencia sua síntese harmoniosa. Como poder de dissociação, ele as dilacera no tempo para, quem sabe, preservá-las para a eternidade. Na história da arte, as obras tardias são as catástrofes”. Penso nela, na vertigem.

Correspondência incompleta (e-book)
Armando Freitas Filho e Heloísa Buarque de Hollanda (Org.), Editora e-galáxia.

Livro reúne as cartas enviadas para Clara Alvim, Heloísa Buarque de Hollanda, Maria Cecília Fonseca e Ana Candida Perez.

26 poetas hoje (e-book)
Heloísa Buarque de Hollanda (Org.), Editora e-galáxia.
Antologia da década de 1970 que mapeou importantes poetas da época e lançou Ana Cristina Cesar.

Ana Cristina Cesar – O sangue de uma poeta (e-book)
Italo Moriconi, Editora e-galáxia
Perfil biográfico sobre a poeta carioca revisto e ampliado.

Cartões postais (aplicativo para dispositivos móveis)
Heloísa Buarque de Hollanda (Org.), Editora e-galáxia.
Aplicativo com cartões postais inéditos enviados para a amiga Heloísa Buarque de Hollanda.

Obs.: Até o fechamento da edição, não recebemos os lançamentos da Companhia das Letras para este ano.

ESPECIAL

Cegueira em cores verde e amarela

Como seria o patriotismo do major Policarpo Quaresma nos conturbados dias atuais?

Igor Gomes

KARINA FREITAS



CENA 1

“Bem, Policarpo, eu não quero contrariar você; continue lá com suas manias”.

Ouve isso, o Policarpo, e sai; Adelaide, a irmã, continua a lavar a louça. A água caindo sobre os pratos tornou praticamente inaudível o “até mais tarde” que o major Quaresma dera. Pelo espelho da cozinha, conseguia ver um pequeno e franzino vulto verde e amarelo saindo de casa.

Entrou na estação do metrô. Enredado na plataforma cheia, pedia licença mecânica e gentilmente. Notou os olhares curiosos das pessoas sem dar muita confiança. Era óbvio para onde se dirigia. As ações estavam marcadas para aquele domingo, em todo o País. Poucos, na plataforma, estavam como ele, de verde e amarelo. Uns cinco, no máximo. Estavam distantes, mas se enxergaram com aprovação.

Chegou o metrô. Policarpo é suburbano. Um dia foi carioca; hoje não mais. “Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo; Quaresma era, antes de tudo brasileiro”. Desceu do vagão, percorreu as escadas. Na rua, tomou automaticamente o rumo da praça.

Policarpo Quaresma não é só suburbano, como se podia constatar na praça. É a loura calçando salto alto Louboutin e a dona de casa de meia-idade, que comanda uma família remediada. Criança, ele é, e também o homem de 40 anos descendo do Mercedes com pai, mãe, noiva e sogro. Ele é, ainda, casal de rapazes, um calmo e outro nervoso: o motorista do ônibus parou longe do ponto.

“Imagina que medito grandes obras, uma reforma, a emancipação de um povo”, disse a si mesmo. Soaram apitos e buzinas. Fotógrafos, cinegrafistas e jornalistas se encaminharam para as bordas do aglomerado de gente. O cortejo patriótico seguiria pelas ruas da cidade em instantes.

O major Policarpo Quaresma foi apresentado em 1911, no formato de folhetim. Sua história se fizera conhecer nas edições vespertinas do carioca *Jornal do Commercio* durante dois meses. Em dezembro de 1915, seu criador, Lima Barreto (1881-1922),

“Não vale a pena cair na patriotada oca e achar que a saída é trocar um herói por outro”, acredita Lilia Schwarcz

o publicou em livro: *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Comemoramos os 100 anos da obra cientes de seu evidente diálogo com a contemporaneidade – os tipos mediócras (como o personagem Genelício, bajulador profissional); a ideia de que deter títulos distintivos garantiam conhecimento e certa natureza superior, metáfora personificada na figura do doutor Armando e nos militares Albernaz, Caldas e Bustamante; a corrupção política do governo Floriano Peixoto e de políticos da zona rural. Todos encontram fácil correspondência com pessoas e práticas da atualidade.

Mas o que fica do livro, a lembrança primeira, é o major, ícone, na literatura brasileira, de um projeto de nacionalidade repleto de boa vontade, porém absurdo, do qual a expressão maior é a proposição do tupi-guarani como língua do Brasil. Um Dom Quixote brasileiro que “viverá na tradição”, como sintetizou o jornalista e diplomata Manuel



de Oliveira Lima em crítica ao livro publicada em 1916 no jornal *O Estado de S. Paulo*.
Diante de camisetas verde-amarelas nas ruas nos últimos dois, três anos, o major vem à mente. Há, é verdade, uma pequena diferença entre Policarpo e os patriotas de hoje – a desilusão com a pátria problemática que trouxe o triste fim de Quaresma (morte simbólica ainda pior que a física, porque é destruição de um projeto de vida) é o que move, em parte, aqueles que vão às ruas. Entretanto, o livro, como um todo, é um diálogo de igual para igual entre 1915 e 2015 porque, assim como todos nós, ao longo da obra, o protagonista se volta para os ideais de democracia e cidadania aos trancos e barrancos.
“Assim como Policarpo, acreditamos, hoje em dia, muito na República; sobretudo após a promulgação da Constituição Cidadã de 1988. A Primeira República [1889–1930] vivia uma crise econômica, política e social do tamanho da nossa. Crise política depois do golpe (e quando Floriano assume sem convocar eleições); crise financeira com o encilhamento de Rui Barbosa; crise social com o povo nas ruas, com revoltas como Armada, Marinha, Canudos, Contestado, Greves Operárias e por aí vai”, explica Lília Moritz Schwarcz, antropóloga, historiadora e pesquisadora da obra de Lima Barreto.
“Com a ascensão do PT ao poder houve finalmente uma inversão nessa pirâmide social perversa”, comenta Luciana Hidalgo, autora de *O passeador* (Ed. Rocco), finalista dos prêmios Jabuti e do antigo Portugal Telecom (hoje Oceanos), cujo protagonista é Lima Barreto. “A eleição do presidente Lula é histórica. Mas, como vivemos numa democracia, com todos os partidos tomando decisões no Congresso, o PT teve de fazer alianças justamente com essas elites, ou não teria sustentação política para ir até o fim do mandato. E continuamos no círculo

vicioso de benefícios, pistolões e corrupções típico da Primeira República. Enfim, assim como Policarpo, mais uma vez nos deparamos com a ‘realidade do sistema’”, completa.
CENA 2
Policarpo esqueceu a senha, mas lembrou-se rapidamente. Não gostava de deixá-la gravada no navegador da web. Fez o login, foi lendo o que aparecia na linha do tempo. Leu postagens sobre gênero, política e urbanismo de alguns dos seus professores na faculdade, de desconhecidos em grupos de discussão. Compartilhou um gif (pequena animação) com uma cena do seriado House of Cards.
Clicou no ícone do processador de texto, que já estava aberto, e releu o texto que escrevera mais cedo, quase pronto. Criticava o Governo Federal, mas defendia que voltar à ditadura era burrice. Pediu o impeachment. No fim, exaltou a riqueza do Brasil. Digitou “Nossa terra, que tem todas as riquezas do mundo, é capaz de produzir” e parou. Apagou. Decidiu encerrar com um “verás que o filho teu não foge à luta!”. Copiou os quatro parágrafos e publicou em seu perfil no Facebook. Aguardava ansiosamente o termômetro apitar: as curtidas.

As definições do dicionário Houaiss para a palavra “patriotismo” são 1) qualidade ou característica de quem é patriota; e 2) devoção à pátria. Os nacionalistas, que hoje voltam à cena, assim são chamados pelo evidente uso dos símbolos da nação: o hino nacional, uso abundante do verde-amarelo – especialmente a camisa da seleção brasileira. Proliferam, também, declarações de amor à pátria (e ódio ao governo) no Facebook.
Ao contrário dos sentimentos exacerbados facilmente encontrados entre os que vão às ruas ou se pronunciam nas redes sociais, não se acha, no patriotismo do major Quaresma, qualquer traço de malícia. Anos de estudo profundo o fizeram ganhar

a pecha de esquisito – como narra Lima Barreto, havia preconceito, na virada do século 19 para o 20, com quem estudava, lia livros acadêmicos de forma autodidata; por outro lado, havia exaltação dos diplomados. Na obra, uma sucessão de maus entendidos associados a essa fama de louco fizeram o protagonista ser encaminhado para um sanatório. Posteriormente, passa a exercitar seu patriotismo na zona rural, trabalhando a terra, tentando fazer exercitar a fertilidade da terra do Brasil – possível herança de uma visão romântica herdada dos românticos como Gonçalves Dias ou José de Alencar. Não à toa, ambos figuravam nas prateleiras do major, como descreve Lima Barreto quando vai apresentar seu protagonista.
Sobre autores como Alencar ou Dias, o crítico literário Antonio Candido lembra, em seu livro *A educação pela noite* (Ática, 1989), que “a ideia de pátria [deles] se vinculava estreitamente à de natureza e em parte extraía dela a sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social” (p. 141). Policarpo, na zona rural, planejou sua vida agrícola em detalhes. Vislumbrou lucro, não por “ambição de fazer fortuna, mas por haver nisso uma demonstração das excelências do Brasil”. “Tu irás ver minhas culturas, minha horta, o meu pomar – e então é que te convencerás como são fecundas as nossas terras”, diz o major à afilhada, deixando claro seu afeto inocente pela pátria.
Mas essa é a ideia dos românticos, não de Lima Barreto. Negro, suburbano, pobre e com gene da loucura nas veias (herdado do pai), o autor era, ao mesmo tempo, vítima de uma sociedade injusta e um agente crítico dessa mesma coletividade. Chegou, o que era incomum à sua época, a entrar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, mas abandonou quando o pai perdeu a sanidade. Foi influenciado pela leitura de escritores russos (em especial, Dostoiévski), franceses (Gautier, Taine e outros), além de nomes como Eça de Queirós e Miguel de Cervantes. Suas atuações em jornais, na revista *Floreal* (da qual era fundador e editor) e como escritor deram vazão à necessidade de expurgar sua visão dos problemas sociais.
Ao olhar para a formação do autor, compreende-se que Policarpo é uma crítica ao nacionalismo

Ao contrário dos sentimentos exacerbados das passeatas atuais, não se encontra malícia no major Quaresma

romântico que imperava em sua época. Um patriotismo que, cultivado em uma vida, teimava em resistir após sucessivos choques de realidade até culminar em desilusão – triste fim. Não é difícil ver o major nos protestos verde-amarelos.
“Não vale à pena – e essa é a ironia do livro de Lima Barreto – cair na patriotada oca e achar que a saída é trocar um herói por outro”, opina Lília Schwarcz. “Cidadania é projeto de todos; de cada um e em tempo integral. Ou seja, de nada adianta acusar apenas os políticos, vestir camisa amarela enrolado de bandeira e continuar (no seu canto) fazendo, também, atos que atentem ao bem-estar comum. É por isso que a literatura reflete, mas também produz o seu contexto. *Triste fim* reflete quando se volta para as questões do seu momento; produz, com sua ironia, e com todas as possibilidades abertas que só um romance pode oferecer”, ressalta a pesquisadora.

ESPECIAL

CENA 3

Policarpo significa “o que produz muitos frutos” (dicionário Houaiss). Entretanto, o que o nome promete, a vida não dá; os esforços do major continuam estéreis, sem resultados. Quaresma é o período que antecede a crucificação do Nazareno. Um prenúncio de sacrifício?

Quando critica o país, é porque deseja vê-lo melhor. Suas reclamações sobre a Petrobras, ciclovias, ônibus lotados, sobre as obras no metrô de São Paulo, a usina de Belo Monte, cotas raciais nas universidades, a inflação, o dólar, acerca do sucesso de Wesley Safadão e Anitta, do Chico Buarque que “gosta do PT” – tudo isso é sinônimo do seu amor à pátria. Sente-se injustiçado quando ouve que ele “reclama demais”; afinal, ele foi a todos os protestos que pedem a saída da Dilma.

Andava desgostoso mesmo com o futebol, sua paixão. Não joga, mas ama ver. Policarpo nutria raiva contra a seleção, cujas glórias esportivas não são mais as do passado. A Copa foi um fiasco e tudo indica que as Olimpíadas seguirão o mesmo caminho.

Não vê melhoras, só piores. E algumas mudanças que o deixam confuso.

Quaresma, vez por outra, dá roupas usadas à diarista que ajuda Adelaide no serviço doméstico. “É da família”, diz às visitas, enquanto a mulata de meia-idade volta para a cozinha. Ela, sempre de gestos comedidos e risada gostosa,

“É um livro comum, em que pretendo mostrar a pueridade de muitas das pretensões brasileiras”, diz Lima sobre sua obra

impressionou Policarpo na semana passada, quando pediu licença para não trabalhar em março Vai viajar. Comprara a passagem no dia anterior. “Meu deus”, exclamou mentalmente o patrão, “de avião?”. Disfarçou a surpresa. “As coisas estão mudando... talvez já tenham mudado”.

...

A literatura de Lima Barreto, os expurgos sociais que ele faz, trazem consigo muito da vida do autor nos problemáticos locais físicos ou sociais que ocupou, de sua experiência como amanuense (escriturário) da Secretaria de Guerra e como pessoa clivada pela experiência da insanidade. Com disse Antonio Candido em A educação pela noite (p. 39), nosso autor em questão “funde problemas pessoais com problemas sociais, preferindo os que são ao mesmo tempo uma coisa e outra – como por exemplo a pobreza, que dilacera o indivíduo, mas é devida à organização defeituosa da sociedade; ou o preconceito, traduzido em angústia, mas decorrendo das normas e interesses dos grupos”.

O diálogo entre esses vários temas, que perpassam todas as suas obras (em maior ou menor grau) é o que Luciana Hidalgo chamou, em sua tese de doutorado na UFRJ, de “literatura de urgência”.

“Criei essa expressão para tentar dar conta dessa escrita múltipla que é o Diário do hospício: uma série de anotações, registros, extratos poéticos escritos por Lima Barreto durante sua internação no hospício em 1919/20. Achei necessário qualificar esse tipo de literatura como uma narrativa-limite produzida numa situação-limite, totalmente contaminada pela experiência pessoal do autor. Uma literatura feita na instituição que ao mesmo tempo servia de antídoto à instituição. No entanto, aos poucos fui percebendo que toda a obra do Lima foi contaminada por sua vivência de uma forma radical. Trata-se de uma escrita que parte de um eu premente, urgente, enredado em questões íntimas que transbordavam e iam parar até mesmo na ficção (o que era visto de forma negativa pelos críticos da época).”

Algumas dessas obras podem ser encaradas

como expurgos muito particulares de facetas específicas. Em apresentação à edição de Clara dos Anjos da Penguin & Companhia das Letras, Beatriz Resende, escritora e professora da UFRJ, sintetiza: “O funcionário público produziu Triste fim...; a crença na possibilidade de ser reconhecido como escritor ainda em vida lhe dá a coragem de publicar o sofisticado Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá; o jornalista produz Clara dos Anjos”.

Mesmo com marcações mais definidas em certos livros, é importante ter em mente que o autor está sempre falando das mesmas questões íntimas, sempre fazendo o mesmo combate social. “É um questionamento profundo do papel do intelectual no Brasil, levantando a possibilidade de uma intelectualidade independente em relação à mentalidade dominante”, complementa Luciana Hidalgo.

Em entrevista à revista Época, em 1916, sobre Triste fim, o ar de pensador independente característico de Lima Barreto fica evidente:

– É um livro comum, em que pretendo mostrar a puerilidade de muitas das nossas pretensões brasileiras. Terei errado? Não sei. Terei acertado? Não sei.

– Em que meio se passa?
– Na classe média. Não posso sair dela. Tinha mesmo vontade de sair, mas não me é possível. [...] Desde o meu [Recordações do escrívão] Isaías Caminha, que só trato de obedecer à regra do meu Taine: a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. É este o meu escopo. Vim para a literatura com todo desinteresse e toda coragem. O fim da minha vida é as letras. Eu não peço delas senão o que elas podem me dar: glória [...].

Lima Barreto tentou entrar na Academia Brasileira de Letras por três vezes. Não teve qualquer sucesso. Ele era o oposto do intelectual que se desejava à época, mais próximo do perfil de Machado de Assis (que se adequou às normas sociais), do que um “rebelde” – à sua independência de pensamento se associava uma vida boêmia mal vista pelas elites.

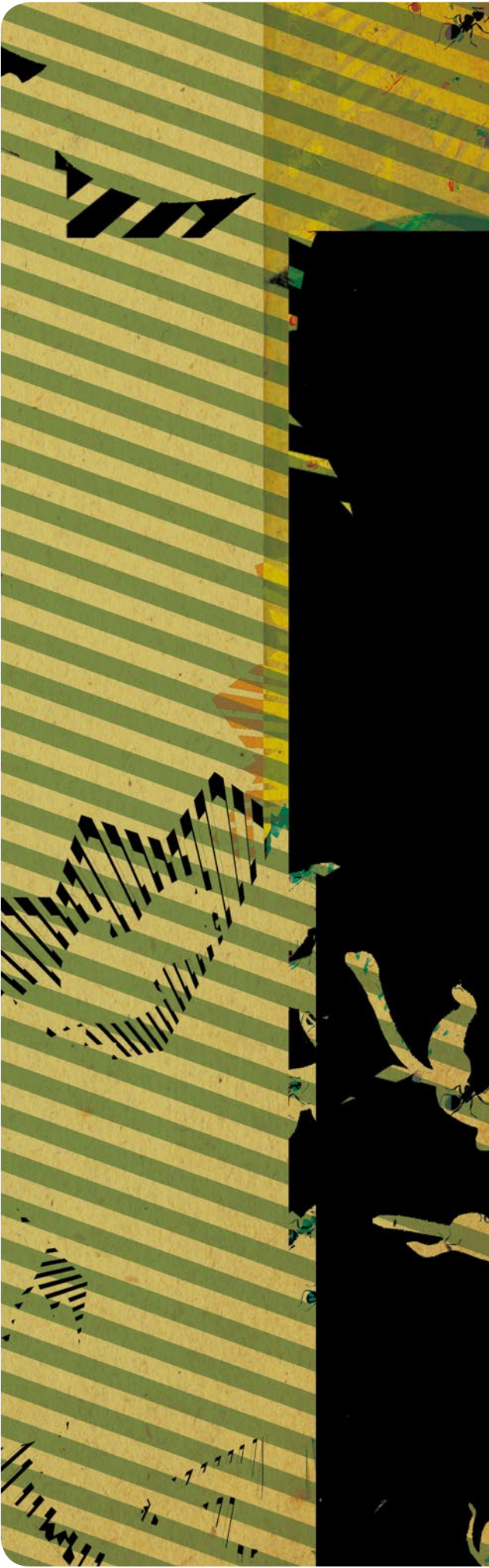
Querer se manter independente, mas tentar entrar em uma instituição conservadora das elites é apenas uma das muitas ambivalências que Lima Barreto demonstra na vida e, consequentemente, em sua obra. O exemplo mais evidente são os subúrbios que, mesmo paradisíacos, também encerram pessoas de outra sorte: os fúteis, os de mau caráter e, principalmente, os sofridos (“o subúrbio é o refúgio dos infelizes”, diz ele em Clara dos Anjos). Além das contradições, ele também transparece reflexos de uma dificuldade em se institucionalizar, seja por questões individuais ou de família. Por conta dos problemas de saúde do pai, ele não completou os estudos na Politécnica do Rio (ou seja, deixou de ganhar um diploma, título distintivo); e o tempo que poderia passar como amanuense foi abreviado pela aposentadoria (incapacidade de se manter no serviço público, o qual sempre criticou de forma irônica). Mesmo na morte: era cria da periferia, mas pediu para ser enterrado no bairro burguês de Botafogo.

Essa ambivalência, entretanto, não se vê no tratamento dado ao patriotismo. Em anotação ao rascunho da história de Policarpo, Lima Barreto diz: “Policarpo Quaresma, ideia que mata; a decepção; o pessimismo”. Essa associação se mantém firme em toda a obra, principalmente porque o autor, para dar mais “força de morte” à ideia do nacionalismo, o associa à insanidade. Mais uma de suas autoficções: Lima foi duas vezes internado por problemas mentais, em 1914 e 1919. “É claro que [a condução de Quaresma à loucura] também fala de si mesmo, do próprio idealismo, de sua luta incansável, em crônicas, romances, contos etc, para pensar – e melhorar – o Brasil, reduzindo a desigualdade social, combatendo o racismo, investindo contra o sistema de pistolões que não dava a mesma oportunidade para todos os brasileiros”, complementa Luciana Hidalgo.

CENA 4

Policarpo lia com descrença uma notícia em um site duvidoso: “SOCIALITE AGORA É CONTRA IMPEACHMENT” (assim, em maiúsculas, como quem grita, importuna). Os argumentos da mulher eram basicamente dois – a presidência sancionou a lei de delações, que criou uma das maiores investigações

KARINA FREITAS



sobre corrupção no país; e não havia interferência do executivo nacional nas investigações. “É até verdade”, pensou Quaresma, “mas com certeza tem caixa dois, tem dinheiro envolvido, não é possível que não tenha. Teve pedalada fiscal. Não entendo quem defende... essa mulher”.

A entrevistada finalizava: “Não concordo em nada com esse governo, não voto em esquerdista, mas reconheço que é preciso manter as coisas como estão e prosseguir as investigações. É preciso haver legitimidade”. “Não vota na esquerda, mas fala como se fosse”. Entrou no Facebook.

...

“Momentos de crise são momentos em que se produz, de forma acelerada, esse tipo de sensação: de esperança no porvir, de desesperança no presente”, lembra Lilia Schwarcz, puxando pela história a estratégia dos movimentos de patriotismo: “O nacionalismo sempre, e desde o século 19, representou um discurso que usa de elementos



Triste fim oferta
soluções aos
problemas que
lança? Não. O livro
em si já é a resposta:
a prática da
reflexão crítica

sentimentais para comover a população e criar um 'sentido' de conjunto: de pátria".

Nos 21 anos de ditadura brasileira, o sentimento patriótico era inflado pela publicidade oficial e, naturalmente, usado para fins de manutenção do estado de exceção – a síntese maior desse clima talvez seja o slogan "Brasil: ame-o ou deixe-o". O apelo a um amor cego pela coletividade serve a um projeto de nacionalidade que precisa ser olhado com desconfiança. No caso da ditadura, hoje é possível ver a obviedade dos usos de uma propaganda nacionalista. Será que conseguimos enxergar esses projetos nos telejornais, discursos partidários, nas respostas rápidas das discussões de bar?

Triste fim oferta soluções aos problemas que lança? Não diretamente. O livro em si, na verdade, é a resposta: a prática da reflexão crítica. Dos problemas políticos aos raciais, de gênero, o olhar

sobre a burocracia e o serviço público, o ceticismo quanto à legitimidade prática dos títulos distintivos, é preciso lançar tudo ao crivo das ideias, como fez Lima Barreto. As ideias, elas também estão a serviço de projetos. O autor deixou disponível às elites um mundo – o dos subúrbios e de todas as questões citadas – que era negligenciado propositalmente, mas que precisava ser conhecido para satisfazer seu senso de justiça social. A nós, legou a dura conclusão de que pouco mudou em 100 anos. A honestidade de Lima Barreto, transposta em uma escrita sem grandes pretensões estéticas, é um caminho possível para correr o olhar sobre a coletividade e sobre como histórias individuais são (ou podem ser) histórias sociais.

As manias de Policarpo, que sua irmã Adelaide enxergava com alguma estranheza e indulgência, nos apontam possibilidades para pensar, estar e agir. Deixemo-lo com elas.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente
+
Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



DO MEU TAMANHO
Daniel Lima

Coletânea de pensamentos soltos, poemas e pequenos ensaios escritos por Daniel Lima. Esta é a quinta obra do poeta publicada pela Cepe Editora, que revelou seu talento em 2011, quando publicou o livro *Poemas. Do meu tamanho* traz criações que transmitem emoção sem deixar de lado a reflexão filosófica.

R\$ 25,00



BUS, SIMPLEMENTE DIFERENTE
Jorginho Quadros

Bus é um ônibus construído com peças de outros carros, mas que nunca ganhou um motor. Vivendo em um salão com outros ônibus, ele sonha com aventuras, estradas, viagens... Até que um dia ele é mandado para um ferro-velho. Mas o que parecia ser o fim de Bus é o começo das realizações dos seus sonhos.

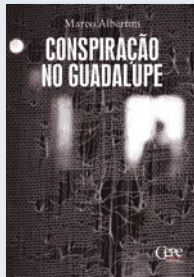
R\$ 25,00



O FUTURO PROFISSIONAL DE SEU FILHO: UMA CONVERSA COM OS PAIS
Sílvia Gusmão (Org.)

Uma preocupação dos pais durante o período da adolescência é a escolha profissional dos filhos. Escrito por psicólogas e psicanalistas consultores desta área, o livro prioriza indagações dos pais e fatores que interferem na escolha profissional, como a dinâmica da família, entre outros temas relacionados.

R\$ 30,00



CONSPIRAÇÃO NO GUADALUPE
Marco Albertim

A história acompanha um grupo de revolucionários guiados pelos pensamentos marxistas, que se reúnem em Olinda. Misturando religião e romance o livro traz lugares pitorescos, como o Maconhão, bar em que os companheiros vão comemorar. A crença nos orixás se confunde com a idolatria a Marx, em comparações constantes.

R\$ 30,00



A MENINA E O GAVIÃO - 200 CRÔNICAS ESCOLHIDAS
Arthur Carvalho

Arthur Carvalho conversa com o leitor de múltiplas maneiras através de suas crônicas. Dominadas pela oralidade e por imagens sutis da vida, tudo é tema para suas reflexões, das partidas de futebol às grandes e improváveis amizades, aliando o gosto pelas coisas populares e a literatura mais erudita.

R\$ 25,00



PERNAMBUCÂNIA: O QUE HÁ NOS NOMES DAS NOSSAS CIDADES?
Homero Fonseca

Versão infantojuvenil do livro *Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades*, trazendo os significados dos nomes das cidades que fazem parte do estado de Pernambuco. O formato didático e a linguagem clara são acompanhados por ilustrações, além dos dados informativos das regiões e algumas curiosidades.

R\$ 40,00



COMO POLPA DE INGÁ MADURO: POESIA REUNIDA DE ASCENSO FERREIRA
Valéria T. Costa e Silva (Org.)

A publicação acontece no 120º aniversário de nascimento do poeta Ascenso Ferreira, reconhecido por sua figura, seu vozeirão e suas referências populares. Ascenso consegue mesclar o erudito com o popular em suas criações modernistas, abusando de referências ao Nordeste com críticas, reflexões e metáforas.

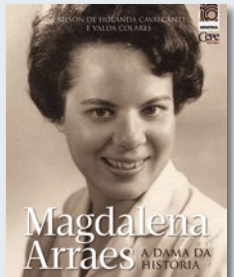
R\$ 20,00



ESCULTURAS FLUIDAS
João Paulo Parisio

Tomando como inspiração temas de variadas naturezas, como a fome e o tédio, João Paulo Parisio utiliza seu olhar criador em poemas que transmitem as diversas proporções das coisas. Os versos uma hora expandem e em outra introjetam. São esculturas fluidas carregadas da essência do autor.

R\$ 30,00



MAGDALENA ARRAES: A DAMA DA HISTÓRIA
Lailson de Holanda Cavalcanti e Valda Colares

Primeiro volume da Coleção Memória, o livro escrito pelo cartunista Lailson de Holanda Cavalcanti e a historiadora Valda Colares aborda passagens políticas e pessoais daquela que foi por três vezes primeira-dama de Pernambuco. Magdalena Arraes concedeu depoimentos que trazem uma visão inédita sobre ela.

R\$ 50,00



À FRANCESA: A BELLE ÉPOQUE DO COMER E DO BEBER NO RECIFE
Frederico de Oliveira Toscano

Um mergulho histórico no século 20, quando a França era o centro de irradiação da cultura para o mundo. Recife também se deixou influenciar pelos francesismos, com destaque para a gastronomia, na elaboração dos pratos, confecção de cardápios, criações de armazéns importadores de ingredientes e restaurantes.

R\$ 50,00



A DÉCADA 20 EM PERNAMBUCO
Souza Barros

O livro explora aspectos políticos, socioeconômicos e culturais da década de 1920 em Pernambuco. A partir da experiência do autor e de pesquisas, o leitor mergulha no cenário da era que precede a Revolução de 1930, passeia pelas grandes obras, sente a influência da crise de 1929.

R\$ 35,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Maurício de Almeida

MARIA LUÍSA FALCÃO



E mais uma vez estou sozinho

Ele acaba de se levantar, Teresa. E o observo em jeitos bruscos depois de tantos anos, ele, que reapareceu sem anúncios ou advertências para me devastar em despropósitos e nenhum pedido de desculpa, nada. Admito que gostaria de não compreender a razão pela qual se levantou contrariado e tão obtuso, mas é inevitável. Aliás, Teresa, acredite que sou eu quem deveria estar em pé com modos grosseiros, um olhar atravessado a ele que, sentado e cabisbaixo, teria de aceitar o impróprio da minha reação. Mas sequer –consegui articular resposta: ele se levantou interrompendo com brutalidade o curto silêncio em que tentava aceitar o que de fato estava acontecendo, as coisas que me disse. Que direito tenho eu, afinal?

Ele está parado à minha frente num olhar que persiste em desdém enquanto joga algumas notas sobre a mesa, vira as costas e caminha sobre as andorinhas desenhadas em pedras na calçada ambicionando desaparecer na esquina que o engolirá num truque fajuto cheio de abracadabras que já vi antes, Teresa, há tantos anos. Lembra-se?

E mais uma vez estou sozinho.

...

Definitivamente sozinho, mas não sem lutar, Teresa. Corri antes que ele sumisse para afrontá-lo em questionamentos e assertivas, encará-lo com os olhos em riste, a boca em palavras duras que o impediriam da saída fácil de me culpar por suas loucuras. Em vão. Ou pior: volto agora com o peito sobressaltado e a cabeça mais embaraçada pelos sobressaltos que ele disse

(você não acreditaria, Teresa)

Aquela voz de tanto tempo colocando meus pensamentos em desencontros como desencontrada é minha vida. Pouco adiantou interpelá-lo, eu não poderia evitar que ele desaparecesse

(abracadabra)

Naquela esquina que agora observo atordoado e descrente, aquela esquina.

E, irremediavelmente sozinho como sempre estive, resigno-me a um gole da cerveja quente. Por um instante parece que nada aconteceu. Deliro? Como viemos a esse lugar?, esse bar que conheço de outros sábados em que muitas pessoas à minha volta arrotam redundâncias até comemorarmos embriagados a derrota de mais um dia tão logo a madrugada suspende-se sobre nós anunciando o domingo.

Não sei como viemos parar aqui.

Entretanto, esta garrafa de cerveja e os dois copos (o dele com um gole por tomar)

Não me deixam acreditar que alucino, assim como o garçom que se aproxima, passa uma flanela molhada cheirando a álcool sobre a mesa, suspende a garrafa à altura dos olhos em perpendicular e pergunta

– mais uma?

Enquanto perco o olhar no centro desta cidade fechando-se lento ao fim de semana, a tarde quente e o sábado jovem, poucas pessoas percorrendo a calçada entre as quais procuro os passos dele à margem da esqui-na, nos desvãos das asas de andorinhas alçando estranhos voos, mas apenas o garçom repetindo

– mais uma?

Mostrando-me a garrafa que determina a realidade de todo o acontecido e prenuncia a madrugada em derrocada, tantas outras quedas quando respondo

– sim.

...

Foi uma alucinação, Teresa. Há pouco, apesar do sábado à janela de casa igual a tantos outros sábados e da mãe sentada invariavelmente naquele lugar à mesa do almoço

(ela sempre com os olhos turvos e incertos e paralisados num sem ação terrível)

Apesar dessas normalidades, eu à frente dela emulava as mãos débeis que agravavam o mal-estar (justo eu que sempre mantenho a compostura)

consternado com a certeza de que essa falta de jeito denunciava que algo estranho pairava sobre nós. Alice ao meu lado pedia atenção em esparsos sorrisos bobos que lhe escapavam dos lábios, mas eu estava atento à movimentação tímida que agia e reagia como se sugerissem ameaças e afrontas incitando confronto muito embora se tratasse tão somente de mãos ao encontro de garfos e colheres e copos d'água. Mesmo que débeis ou incertas, as nossas mãos. Sentados num constrangimento insuportável, Teresa, nos esforçávamos para não reparar que os objetos postos sobre a mesa e tudo que compõe a sala e casa anunciavam num vastíssimo e intenso incômodo a tensão que expunha e sublinhava a distorção do sábado em tudo diverso devido a alguma coisa fora do lugar, violentamente fora do lugar.

SOBRE O TEXTO

Esse é um trecho do romance *A instrução da noite*, que a editora Rocco lança este mês

ESPECIAL



Sobre o que acaba todos os dias

Primeira parte de uma série de lances (da memória) que tem a maior importância

Laura Erber

Do brasileiro, diz-se que ou não tem nenhuma, ou tem memória curta. Que nossas instituições possuam um talento singular para abafar a memória e destruir seu patrimônio cultural é um fato que não torna mais verdadeiro o pretensão diagnóstico da essencial e generalizada falta de memória do brasileiro. Muito pelo contrário, este, em um lance de saudade, é capaz de abordar matéria lúgubre mesclando o tom nostálgico ao riso franco.

O que acaba todos os dias é o título da mais recente exposição do artista paranaense Laercio Redondo, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A mostra, que acaba no dia 14 de fevereiro, é também uma reflexão sobre a história do nosso ensurdecimento ao que, já não sendo visível, de algum modo continua a fazer rumor. O que deixou de existir nos solicita, de maneira misteriosa, em golfadas de remorso e culpa em que a memória não cumpre tão bem sua vocação formativa, mas serve de alimento ao ritual informativo de reclama-e-esquece. O misto de lamento e indignação ante o recente fechamento da editora Cosac Naify e o espanto causado pela inauguração do Museu do Amanhã, no Rio – nome no mínimo otimista para um museu construído na cidade onde outros dez estão fechados e/ou ameaçados de extinção –, confirmam que a cultura da indiferença se alia perfeitamente ao ritual do lamento espetacular e efêmero.

A diferença dessa chispa de memória, há práticas e hábitos memorialísticos em que prevalece o comércio mais íntimo de figuras, detalhes, miudezas, histórias de ambientes, gestos e nomes cujo poder de alcance não contradiz em nada o seu caráter pessoal e intransferível. E, quando se fala em lugares de formação, é em geral na memória que se vão buscar o rastro e a impressão do clima que os envolvia, com elementos sempre resistentes, quando não teimosamente refratários à descrição.

Para os que leem poesia, cada nova editora fechada vem revolver o espectro da pequena grande Noa Noa, cujo estoque foi posto à venda, pela internet, no ano passado. Seu criador, o jornalista, editor e tipógrafo Cleber Teixeira, faleceu em 2014, mas será sempre lembrado pela perseverança em um projeto artesanal formidável e pelo refinamento e rigor de seu catálogo. Exemplo raro da potência estética do anacronismo técnico, Cleber nunca parou de utilizar tipos móveis e uma impressora tipográfica do século 19 na edição. Com esse equipamento realizou os adoráveis livrinhos de Angela Melim (*As mulheres gostam muito* e *Os caminhos do conhecer*), o de poesia grega contemporânea vertida para o português por José Paulo Paes, além de traduções pioneiras de Gertrud Stein, e.e. cummings e Mallarmé por Augusto de Campos.

Para a crítica e curadora Glória Ferreira, “Galerias de arte, editoras e livrarias nos pegam sempre

JANIO SANTOS



de surpresa ao fechar suas portas, como a Cosac Naify ou a saudosa Leonardo da Vinci, com seus belos livros de arte e ampla bibliografia, como se estivéssemos fadados à velha sina brasileira de não haver continuidade nos programas e projetos”.

O poeta e tradutor Paulo Henriques Britto lembra que durante a adolescência frequentava assiduamente duas livrarias hoje extintas, a Eldorado, na praça Saens Peña, e a Da Vinci, no centro. De aniversário, pedia à família um crédito especial na Eldorado, e na Da Vinci mantinha um crédito fixo, que utilizava ao longo do ano, em livros importados e raros, textos de teatro, Beckett, Boris Vian, Ionesco. Na época pré-Amazon, esperava-se meses pela chegada dos livros. “Na Eldorado eu comprava os Penguin Books, que eram, por algum motivo, relativamente baratos, e comprava também literatura brasileira, Bandeira, Drummond, Cabral. Eu morava na Tijuca, vivia lá. Lembro que várias vezes estive a ponto de comprar o V, do Pynchon, autor sobre o qual eu não sabia nada, só porque o título e a capa eram misteriosos, mas na época não comprei. Agora, se eu estava a fim de um livro específico que não encontrava na Eldorado, aí o jeito era ir à Da Vinci e encomendar. Eram livros mais caros, e a gente às vezes tinha que esperar. Na Da Vinci eu tinha um crédito constante, e pedia a algum parente que, como presente de aniversário, pagasse a conta acumulada. Isso se estendeu dos

meus 15 anos, quando voltei de Washington, até os 20, quando fui estudar na Califórnia.”

De retorno ao Brasil, Britto voltou a frequentar a Da Vinci. “Lembro de ter comprado uma história da música ocidental bem cara, da Oxford, depois que voltei da Califórnia. Nessa época eu estudava linguística, e muito do que se lia de teoria nessa área eu comprava na Da Vinci, e também em outras livrarias especializadas em linguística, todas na cidade, na rua Buenos Aires e arredores, que não existem mais: a Ao Livro Técnico, a Padrão e uma outra que ficava num prédio perto do Mercado das Flores, onde comprei muita coisa de Chomsky e também os *Collected poems* de Wallace Stevens; a proprietária era uma chilena.” Seu maior arrependimento por um livro não comprado, um Bernard Shaw deixado para mais tarde – tarde demais –, está ligado à história da também finada livraria da editora Civilização Brasileira, na rua Sete de Setembro, no centro do Rio. “Lá comprei o livrão enorme do teatro completo de Bernard Shaw, mas deixei a compra do volume que reunia todos os prefácios das peças para o mês seguinte, e aí o CCC ou coisa que o valha bombardeou a livraria, que nunca mais reabriu, e até hoje, apesar de ter lido todas as muitas e muitas peças de Shaw, nunca li nenhum dos prefácios, que, segundo alguns, às vezes são melhores que as peças.”

Já o teórico da literatura Luiz Costa Lima lembra a livraria que frequentava no Recife, antes de ser cassado pelo AI-5 e ter de deixar a cidade definitivamente. Quando ainda não havia surgido a não menos mítica Livro 7, a livraria mais “formativa” da cidade, era a Imperatriz, ainda hoje no mesmo sobrado da rua de mesmo nome. Porém tão radicalmente transformada que pouco ou nada tem em comum com a original, também frequentada por Clarice Lispector, Gilberto Freyre e Celso Furtado. Costa Lima lembra a figura generosa do livreiro

O crítico Luiz Costa Lima lembra a Livraria Imperatriz, que ele frequentava antes de ser cassado pelo AI-5 e precisar deixar a cidade

Jacob Berenstein, dono do negócio: “O meio que tive para estar ligado, ainda estudante na faculdade de direito, ao que se fazia em termos de literatura, sociologia e antropologia nos Estados Unidos e na França foi a Livraria Imperatriz, cujo dono, Jacob Berenstein, mandava buscar os livros que eu encomendava. Assim, por exemplo, assinava a PMLA (Publications on Modern Language Association), que, no fim do ano, trazia um catálogo do que se publicara pelo mundo em termos de crítica. Creio que o sistema dura até hoje. Também assinava uma enciclopédia de arte (*Encyclopaedia of World Art*), que recebi até o oitavo volume. Com o golpe e a consequente demissão da universidade, não tive mais possibilidade de continuar assinando os volumes restantes. Tenho até hoje os oito volumes, que me acompanham desde então e dos quais ainda me sirvo” Depois disso, Costa Lima “recomeçou a vida com livros” em Petrópolis, empregado como revisor por Frei Ludovico, na Editora Vozes.

Do final dos anos 1970, a professora e coordenadora do PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ) Heloísa Buarque de Hollanda traz ainda a lembrança das tardes abarrotadas de poetas no número 21 da rua Faro, no bairro do Jardim Botânico, no Rio. Onde hoje há um edifício de gosto duvidoso havia antes uma casa de dois quartos em que Heloísa vivia com os três filhos, dois pastores-alemães e quatro gatos siameses. A

casa era frequentada por vários poetas jovens que a Heloísa professora conhecera enquanto preparava a antologia *26 poetas hoje*, lançada em 1976. Os mais assíduos na rua Faro eram Ana Cristina Cesar, Cacaso, Charles Peixoto, Ronaldo Santos, Chico Alvim, Eudoro Augusto e Armando Freitas Filho. “Outros poetas iam também, mas sem a mesma exagerada frequência. No final, o namorado virou marido e foi morar lá”, ela conta.

Houve também uma visita intempestiva de Zé Celso e sua companhia de teatro, que, vindo ao Rio por três dias, acabaram ficando 15, muito à vontade, entre transas, drogas e que tais, e Heloísa, no aperto de quem precisava administrar a vida de filhos ainda pequenos em meio ao clima de desbunde. A casa de dois dormitórios ficava tão cheia que era preciso se fechar no quarto para trabalhar. “Gravei todos os programas *Café com letra* que fiz com o Charles Peixoto para a Rádio MEC dentro do meu quarto, era a maior barulheira, na sala um monte de amigos, aquele fuzuê.”

Outro espaço lembrado por ela é a cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Aterro. Ainda está lá, mas perdeu faz tempo o fervor e o poder aglutinador que marcou a vida artística e intelectual da cidade. Nos anos 1960, a cinemateca e seu café eram o lugar em que fervilhavam os debates, as polêmicas e os rachas intelectuais. “Lembro que depois da projeção de *Terra em transe*, do Glauber, ficamos lá discutindo durante horas, era um lugar sensacional, bom para debater e bom para namorar. A cinemateca é o lugar desaparecido que mais me faz falta hoje”, diz Heloísa.

Outros tiveram a sorte de estudar em um espaço fervilhante, é o que aparece no relato da poeta Lu Menezes, maranhense por nascimento, mas radicada em Brasília. Menezes fala sobre o Ciem – Centro Integrado de Ensino Médio, célebre escola de aplicação da UnB, concorridíssima e gratuita, idealizada nos anos 1960 por Darcy Ribeiro e José Aloisio Aragão, infelizmente desativada pela ditadura em 1971. “Em 1965, cursei nele o terceiro ano do ‘clássico’, que incluía também biologia e matemática. A jornada integral de estudos ia das sete às 18 horas, com a manhã dedicada a duas matérias (com meia hora de recreio entre elas) e a tarde à última aula do dia, seguida de uma ‘prática vocacional’ escolhida em amplo leque – de enfermagem a cinema, este a minha opção, assim como a de Djalma Limongi Batista e Cildo Meireles. Sobre cinema, orientavam-nos um inesquecível Jean-Claude Bernardet e, eventualmente, Nelson Pereira dos Santos. No Ciem a transdisciplinaridade era algo tão natural quanto o ar puro e seco que respirávamos. Lá transcorreu a etapa ‘cultural’ que mais se enraizou em minha existência”, afirma Lu.

A escola, onde também estudaram a escritora Ana Miranda e o artista Guilherme Vaz, funcionava numa casa modernista, “branca, de pavimento térreo, tendo ao longo de cada ala de salas uma parede de vidro ladeada por jardim ‘japonês’. Nessa época, Brasília era ainda muito rústica, e, embora o Ciem integrasse o campus da UnB, percorria-se um caminho de terra cercado pela vegetação do cerrado para alcançar o restaurante universitário e a biblioteca central”, completa a pesquisadora. No intervalo entre as aulas da manhã e as da tarde, que durava três horas – “generosa ilha de tempo livre” –, os alunos podiam vagar pela “cidade-maquete rodeada de céu”, ou assistir aos seminários de Niemeyer. “Podíamos vê-lo gizar projetos num quadro-negro comentando-os com seu falar moroso cheio de xis. E nos concertos matinais dos sábados na UnB ouvia-se jazz, música renascentista, barroca e até dodecafônica e experimental”, conta Lu.

No lugar onde funcionou o Ciem nunca mais houve nenhum tipo de escola. Hoje lá funciona um dos setores médicos da UnB.

Se, como escreveu o poeta português Manuel António Pina, “Aquilo que foi perdido/ Já modificou tudo e a si próprio”, precisamos de uma história cultural capaz de abarcar simultaneamente a força das evidências materiais e o fantasma de suas perdas. A miséria das explicações ou o fatalismo com que a mídia em geral aborda tais acontecimentos nunca será suficiente para aplacar os rumores do que já foi e permanece, ecos do que passeia ainda e paira sobre cada espaço inaugurado.

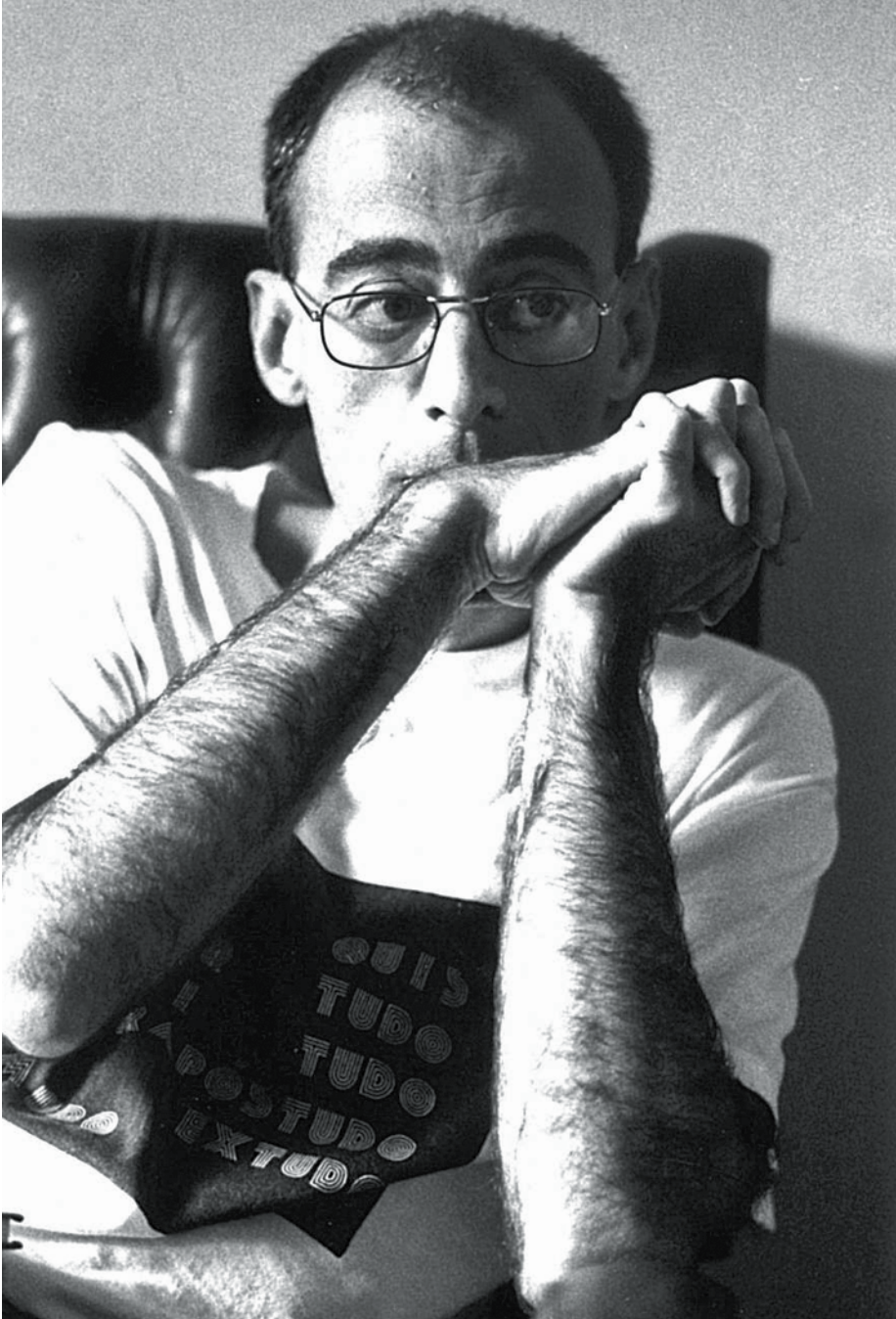
RESENHAS

REPRODUÇÃO

“Betinho, se Spielberg filmar *Dulce Veiga* a senhora fica rica”

O romance que ficou como uma espécie de brincadeira final no testamento de Caio F.

Thiago Soares



“Você tá mais deprimido que eu, Luciano”, disse, rindo, Caio, na noite de 24 de fevereiro de 1996. Luciano não escondia. Saía do quarto que o amigo estava, no hospital, com a desculpa de acender um cigarro. Fumava lágrimas. Voltava, olhos vermelhos, mareados. Caio, fraquinho, magrinho, ria: “Traz isso que você fumou, também quero”. Os dois gargalhavam. Luciano Alabarse foi um dos poucos amigos que acompanhou, de perto, Caio Fernando Abreu, a doença, até o fim. “Lembra que eu escrevi o que queria pôr na minha lápide?”, olhos atentos, a morte quase como uma performance. Luciano olhou para ele, tentou segurar o riso-quase-choro. “Caio F., que muito amou”. O “Caio F.” era abreviação de “Caio Fernando” mas também citação a *Christiane F., drogada e prostituída*, best-seller barra-pesada que povoou o imaginário de um Ocidente louco por uma profanação. Risos. Era um sábado e Luciano foi ficando no hospital até mais tarde.

Caio estava animado, tomou sopa (como odiava), tinha flores sobre a mesa. Fez questão de ter um girassol no quarto do hospital. Depois de muito hesitar sair de São Paulo, daquele apê delícia na Frei Caneca, Caio preferiu voltar para Porto Alegre. Perto da família (não que isso representasse oh-grande-coisa), mas sei lá, os amigos, a gauchice ranzinza, o chimarrão. Havia algo de conforto ali. O Menino Deus, a calma. Caio numa vida-jardim. Acordava cedo, tomava banho de sol, de chuva da Lorenzetti, vapores cheirosos de sabonete

Phebo, penteava os ralos cabelos e ia realizar o processo fotossintético da leitura. Batia um sono, uma preguiça, depois acordava, seguia tarde e noite adentro. À noite, a coisa doía. A vitamina D do sol se esvaía e tome o pensamento a vagar. Havia o medo. E o escuro. Aquela pessoa intermitente na cabeça, aquele encontro todo errado, o que podia ter sido.

Luciano olha para o girassol sobre a mesa e Caio, mirando a televisão, parece acomodar o riso em algum lugar entre os olhos e a boca. “Tô cansado”. Não sei bem quem disse, talvez Caio. Luciano deu um beijo na testa do amigo e apagou a luz. Quando faleceu às 13h30 do domingo, 25 de fevereiro de 1996, Caio Fernando Abreu pesava 39 quilos e oitocentos gramas. Foi enterrado no Cemitério São Miguel e Almas em Porto Alegre e, depois, seus restos mortais foram transferidos, juntos com os da mãe e do pai, para o Cemitério Ecumênico João XXIII. Com a vasta divulgação da doença de Caio, a então impronunciável Aids, enfermeiros tinham receio de tocá-lo. Conhecidos olhavam de longe. No cemitério, amigos, gente da militância gay, artistas, gente do teatro, da literatura, da noite. “Foi uma festa o enterro do Caio, chegaram umas drags, a bichice correu solta no cemitério”, me contou Fernando Pocahy, um querido amigo gaúcho, pesquisador e, na época que nos conhecemos, já nos anos 2000, militante do grupo gay gaúcho Nuances.

Dias antes de morrer, Caio fizera um testamento – bem à sua moda, é verdade. Nada registrado

em cartório, era uma carta, para ser lida, pelo seu pai, depois de sua morte. Deixava os direitos da obra teatral para Marcos Breda; da literária para Gil Veloso; e da cinematográfica e audiovisual para Gilberto Gawronski – todos amigos. A vontade de Caio não foi cumprida. Quem administra toda obra do escritor é a família. Sete dias depois do enterro, os amigos se reuniram para a leitura da carta. Seu Zaél, pai de Caio Fernando, sério, emocionado, foi enumerando os legados do filho. E quando chegou na parte dedicada a Gilberto Grawonski, que Caio chamava de Betinho, o pai teve que ler e segurar o riso. Porque, num parêntesis, repleto de exclamações, ao relatar os direitos autorais sobre o romance *Onde Andará Dulce Veiga?* (levado ao cinema pelo diretor Guilherme Almeida Prado), Caio, na carta-testamento-pintosa, aos risos, celebrando chegar ao céu de nuvens de algodão e pétalas de flores, escreveu para o amigo: “Betinho, se o Spielberg quiser filmar *Dulce Veiga* também, imagina? A senhora vai ficar rica!!!”.

E partiu.



ROMANCE

Onde andará Dulce Veiga?

Autor – Caio Fernando Abreu

Editora – Nova Fronteira

Páginas – 320

Preço – R\$ 34,90

Mariza Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

CHICO SCIENCE

Mostra fotográfica explora universo do líder do movimento Manguêbeat, que faria 50 anos

Depois da euforia do Carnaval, vamos saudosiá na lembrança de Chico Science, o líder do manguêbeat, que faleceu em 2 de fevereiro de 1997. Chico, que faria 50 anos, está sendo homenageado com uma mostra fotográfica, em cartaz até o dia 28, no Museu da Cidade do Recife, no Forte das Cinco Pontas. A exposição reúne 25 imagens do universo do artista, em shows, ruas, com amigos e

família, tendo como principais paisagens o Rio Capibaribe e, é claro, o mangue e a lama. As fotos têm impressão *fine art* e são em tamanhos variados. O material foi reunido pelos alunos do curso de Fotografia da Unicap, com curadoria das professoras e fotógrafas Renata Victor e Germana Soares, e da diretora do Museu, Betânia Corrêa. Entrada grátis, de terça a domingo, das 9h às 17h.

REPRODUÇÃO



THAYS MAGALHÃES/DIVULGAÇÃO



A violência mais banal

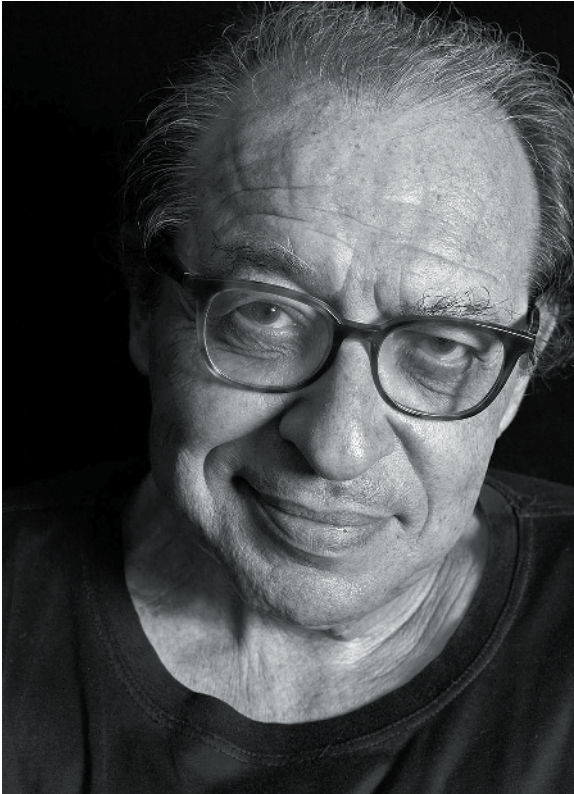
“Pedro se perguntava: quanto tempo dura uma memória?”. Eram várias as perguntas que Pedro fazia diante da imagem daquele homem violento que lhe cabia chamar de pai. Mas, à medida em que o tempo passa, as respostas se tornam tão óbvias que Pedro começa a evitá-las, e faz isso evitando também se tornar ele mesmo essa figura paterna violenta e ausente que tanto lhe assombra. “Não adianta gastar vela com defunto ruim, você tem que deixar ele se virar sozinho”, alguém diz a Pedro, buscando com isso afastá-lo do pai. Mas há algo ali que o persegue e, grande temor, possa estar dentro dele, algo sobre a crueldade travestida de afeto familiar. No romance de estreia de João Chiodini, o que se vê é uma literatura absolutamente limpa de adornos, pois que a memória, a sua memória, não carrega enfeites, não evoca circunstâncias na linguagem. Tudo aqui é

reto, tal como o movimento de um pulso fechado antes de se chocar com o rosto do outro. Não é um livro sobre paternidade, ou sobre abandono, ou mesmo sobre culpa. Mas sim um livro sobre como o que fantasiamos ser maior que a vida é, tantas vezes, apenas a vida. Sem rococós, dura, seca, reta e, claro, repetitiva”. **(C.A.)**



ROMANCE
<i>Os abraços perdidos</i>
Autor - João Chiodini
Editora - Editora da Casa/E-galáxia
Páginas - 121
Preço - R\$ 12,70

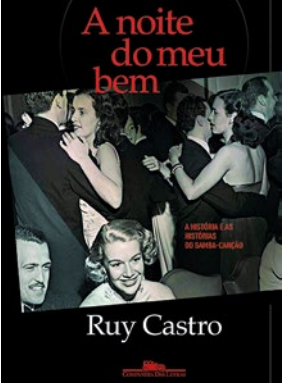
DIVULGAÇÃO



O Rio continua Ruy

Ruy Castro tem um objetivo claro em transformar sua obra num projeto de recriação e mitificação do Rio de Janeiro – a definitiva capital brasileira da autoconfiança, uma verdadeira sereia tranquila em seu aquário. Foi assim com a sua retomada da bossa nova em *Chega de saudade*, com seus textos fazendo reverência ao Flamengo e também na escolha dos seus tipos biografados (Carmen Miranda e Nelson Rodrigues). Ao longo das quase 500 páginas de *A noite do meu bem* é o samba – canção que serve como álibi para o autor retomar a fogosa relação da sua escrita com o imaginário carioca. Mesmo que você não tenha qualquer interesse no gênero musical que aqui é perfilado,

a força do texto de Ruy Castro faz qualquer tema parecer fascinante. No finalzinho do livro, ele conclui que o samba – canção “é a música a que duas pessoas apaixonadas sempre poderão recorrer quando sentirem o seu amor em perigo”. Não há quem posso duvidar dessa sua afirmação. **(S.C.)**

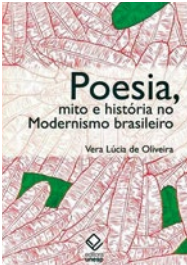


BIOGRAFIA
<i>A noite do meu bem</i>
Autor - Ruy Castro
Editora - Companhia das Letras
Páginas - 560
Preço - R\$ 59,90

PRATELEIRA

POESIA, MITO E HISTÓRIA NO MODERNISMO BRASILEIRO

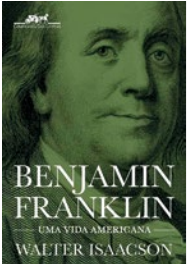
Ensaísta, professora e poeta premiada em 2005 pela ABL com o livro *A chuva nos ruídos*, a autora analisa nesta edição, revista e ampliada, a poesia vanguardista dos anos 1920, suporte da produção literária moderna, contextualiza controvérsias do movimento modernista e estrutura questões históricas, sociológicas e literárias a partir dos poemas de Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo e Raul Bopp.



Autor: Vera Lúcia Oliveira
Editora: Unesp
Páginas: 354
Preço: R\$ 56

BENJAMIN FRANKLIN – UMA VIDA AMERICANA

Autor da biografia de Steve Jobs, que virou *best-seller*, Isaacson repete o feito descrevendo a vida de um homem fundamental no desenvolvimento da nação norte-americana, cujas descobertas científicas e ideias filosóficas e de negócios revolucionaram sua época e repercutiram pelo mundo. Ele destaca como, ao contribuir para elaborar a Declaração de Independência Americana, Benjamin Franklin ajudou a moldar o mundo moderno.



Autor: Walter Isaacson
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 608
Preço: R\$ 69,90

UMA OUTRA PRINCESA

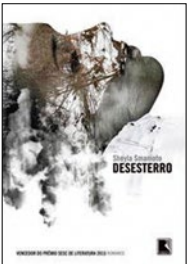
Releitura divertida da clássica história da Cinderela, a obra mostra personagens mais próximos da realidade, com problemas financeiros e imperfeições de caráter, como a princesa muito bela porém vaidosa e fútil, que somente depois de receber uma grande lição da vida compreende que o dinheiro e as aparências não são garantia de felicidade. As ilustrações são do franco-brasileiro Jean-Claude Alphen, duas vezes finalista do prêmio Jabuti.



Autor: Telma Guimarães
Editora: Editora do Brasil
Páginas: 56
Preço: R\$ 39,40

DESESTERRO

Primeiro livro de Sheyla Smanioto, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura em 2015, o romance apresenta o cenário de pobreza de duas cidades fictícias, onde uma avó e sua netinha sem nome sobrevivem marcadas pela carga emocional de muitas gerações frustradas, em meio a fome, sonhos desfeitos e desorganização espacial, parecendo transitar entre sonho e realidade.



Autor: Sheyla Smanioto
Editora: Record
Páginas: 304
Preço: R\$ 34,90

ESTÁ COM TUDO...

UBE comemora o Ano Tarcísio Pereira

Ao completar 58 anos de atividades, a União Brasileira dos Escritores – Seção Pernambuco decidiu homenagear o editor Tarcísio Pereira, ex-proprietário da lendária Livro7, que foi a maior livraria do Brasil nos anos 70/80 segundo o Guinness Book. A UBE-PE decretou 2016 como o Ano Tarcísio Pereira. Uma série de atividades alusivas terão início em 17 de março.

E NÃO ESTÁ PROSA...

Editor também preside o Conselho Editorial da Cepe

Tarcísio Pereira também assumiu em janeiro a presidência do Conselho Editorial da Cepe, responsável pela seleção de obras para publicação, no biênio 2016/2018. O novo conselho é formado também por Evaldo Costa, jornalista e escritor; Wellington de Melo, professor e escritor; Haideé Camelo, professora e escritora; e Lucinha Moreira, publicitária.

BIBLIOTECA

APL disponibiliza para consulta acervo de 30 mil exemplares

Finalmente foi aberta ao público a Biblioteca Waldemar Lopes, da Academia Pernambucana de Letras, que dispõe de acervo de mais de 30 mil exemplares, incluindo verdadeiras relíquias e livros de todas as áreas do conhecimento. Entre os destaques estão as coleções temáticas Camiliana (de Camilo Castelo Branco); Obras Raras e Valiosas e Produção dos Acadêmicos; além de Dicionários Especializados.



José CASTELLO

KARINA FREITAS



Ficção e perigo

Recebo, em minhas oficinas literárias, muitos alunos que chegam com a ilusão de que a literatura, enfim, tornará clara e transparente suas vidas. De que a literatura os salvará. A literatura – a arte – não deixa de salvar. Trata-se, contudo, de uma redenção turbulenta. Se ela nos livra dos clichês e vícios de pensamento, se ela nos liberta do inferno da repetição, e isso é verdade, ao ampliar nossos horizontes ela nos lança em um mundo mais complexo e mais indecifrável ainda. A literatura não resolve nada – não “cura” dor alguma. O que ela nos oferece são novas maneiras de observar e conviver com essa dor.

“A famosa idéia de que falando podemos nos entender me parece sumamente perigosa”, escreveu o escritor argentino Juan José Saer (1937-2005). “Basta assistir a uma discussão conjugal para dar-se conta de que falando, na verdade, não nos entendemos”. Escrevendo também não – ou mais ainda. Desde que nos conhecemos, no ano de 1999, em seu apartamento em Paris, adotei Saer como um mestre. Foi nosso único encontro, mas foi o suficiente para que, até hoje, suas palavras continuem a me atravessar e a me sacudir.

Leio os pensamentos de Saer em *Diálogo*, registro em livro de uma longa conversa entre ele e seu conterrâneo Ricardo Piglia (1940), publicado pela Universidad Nacional del Litoral, da Argentina, em 1995. O próprio Saer me deu o livro de presente. A partir dali, tornei-me um leitor obstinado de seus ensaios – que, na verdade, me parecem ainda mais fascinantes do que suas ficções. “As palavras nem sempre dizem o que querem dizer. Ou dizem, mas dizem menos”, ele continua. Nossa inadequação ao mundo não passa de um efeito de linguagem. Falando não nos entendemos e, por isso, em vez de amainar, nossa solidão aumenta. Escrevendo, muito menos.

Derrubadas essas ilusões de acolhimento e compreensão, para que serve, então, a literatura? Se ela nos defronta com o perigo da dúvida, por que continuamos a escrever? Um desejo insistente, e muito justo, é o de escrever para enfim encontrar nossa voz interior. Não para realçar nosso Eu, mas para que o que carregamos dentro dele, bem

escondido, possa enfim se expressar. Há um desejo de verdade a mover toda escrita. No mesmo diálogo, agora é Piglia quem me ajuda: “O escritor escreve com a fantasia de que a língua que usa é uma língua privada”, diz. Com Saer, contudo, ele aprendeu que, ao escrever, nos defrontamos com um problema: o da impossibilidade de uma língua privada e o desejo de encontrá-la.

Escrevemos para ser, mas a língua nos arrasta para um território que nos ultrapassa e que também nos submete. A língua é nossa, mas não é nossa. Como suportar esse paradoxo? Como aceitar que, por mais que busquemos nosso caminho pessoal, estamos sempre atrelados – como peixes que se debatem nas malhas de um pescador – a uma rede que se estende muito além de nós? Além disso, mesmo no uso pessoal das palavras (que configura, enfim, a literatura), nos diz Saer: “existem palavras que não podemos utilizar quase que por razões fóbicas”. Cada um tem seus próprios medos, e eles fixam os limites de nossa relação individual com a língua. Em consequência: além dos limites externos (a língua não é nossa propriedade particular), existem os limites internos (medos, repulsas, fobias) que nos impedem, igualmente, de chegar enfim a uma língua privada.

Trata-se, portanto, de um processo que nunca termina. Diz Saer: “À medida que se exerce a prática da escrita, se vai constituindo esse mundo verbal próprio. Uma espécie de mania repetitiva e uma adesão irracional a certas palavras”. Dizendo de outra maneira: chegar à própria voz é, antes de tudo, esbarrar nos limites que a constituem. Não: a literatura não nos permite “dizer tudo”, até porque esse “tudo” não passa de uma abstração. “Muitas vezes escolhemos certas palavras ainda que elas não digam exatamente aquilo que queremos dizer”, ressalta Piglia. Não é possível escrever sem a aceitação do impreciso e da incerteza. Portanto: não é possível escrever sem que se admita o limite do medo. Medo de que? Medo da própria escrita.

É por isso também, acrescenta Piglia, que a literatura talvez seja o contrário do turismo. Quando fazemos uma viagem turística,

carregamos conosco – além de guias, *folders*, roteiros – um insistente desejo de conhecer e de descobrir. Lamenta Piglia que, ainda hoje, muitos leitores frequentem as páginas de seus escritores favoritos com o desejo de “descobrir suas obras, como se elas fossem lugares turísticos até então inexplorados”. Em vez de nos fornecer respostas, a literatura produz novas perguntas. Lendo uma ficção, somos colocados na situação absurda de um viajante que só encontrasse em seu guia de viagem um punhado de dúvidas, incertezas e lacunas; elementos não de orientação, mas de desorientação.

Em vez de encontrar uma obra, ou um escritor, talvez encontremos, antes de tudo, a nós mesmos. “Quando li Faulkner pela primeira vez, descobri uma porção de coisas de mim mesmo”, recorda Piglia ainda. Mas que porção? Uma ficção não é uma chave que descerra novas paisagens e franqueia novas clarezas. Ao contrário: ela nos defronta com uma espécie de espelho negro, que nos devolve tudo aquilo que desconhecemos a nosso próprio respeito. Que nos coloca diante do enigma que somos para nós mesmos. Daí a frustração dos alunos que chegam às oficinas com o desejo de se conhecer. Algo de nós, de fato, se chega a conhecer. Mas é como se, ao observar o firmamento, nos deparássemos apenas com a face escura da Lua. Território enigmático, que nos desafia e desloca, em vez de nos tranquilizar. A relação de um leitor com o texto é uma relação de desconhecimento, e não de conhecimento.

Lembra Saer que, no trabalho da escrita de ficção, há um elemento fixo e um elemento fluido. “Efetivamente, existem elementos incontroláveis que aparecem todo o tempo”. É verdade: o inesperado que nos surge nem sempre é conservado. Nem sempre um escritor consegue sustentar o estranho e o perturbador. Saer recorda então que toda ficção persegue uma coerência estética. Ele pode descartar, em nome do sentido, grande parte daquilo que o desafia. Só não pode, não poderá nunca, disso efetivamente se livrar. A dúvida continuará a massacrá-lo. As perguntas continuarão a ecoar no bojo de seu texto. O perigo o rondará até o final.